

“SERÃO MALDITOS OS FUTUROS PREFEITOS”

(PAG. 10)

O PAULISTA NA MARCA DO PÊNALTI

(PAG. 8/9)



PESSOAS:

CARLINHOS PIEROBON
INAUGURA UM
NOVO COLUMISMO
SOCIAL

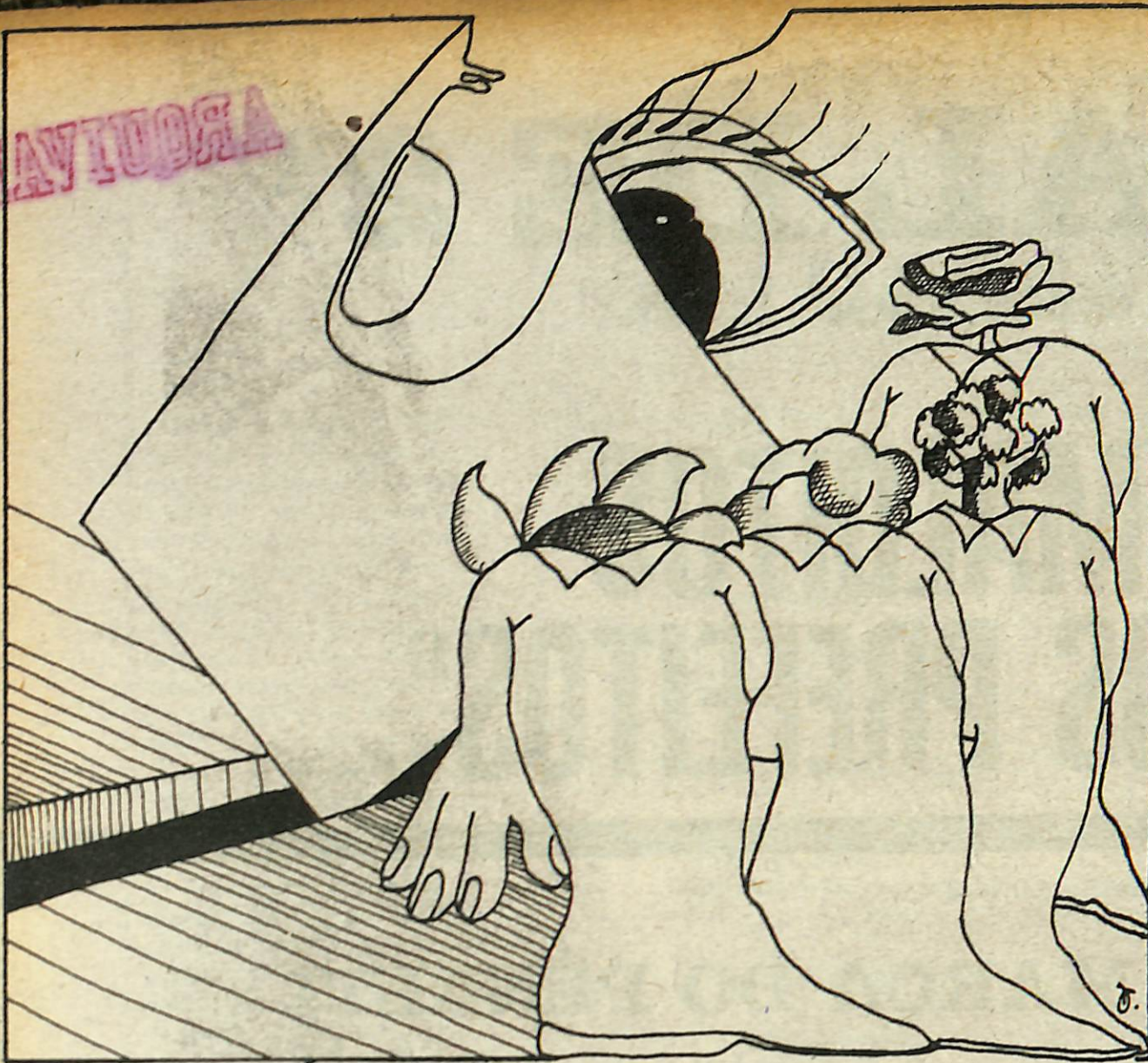
(PAG. 13)

COGUMELOS:

UMA VIAGEM
AO PAÍS
DOS LUCIANOS
E TRIMANOS

(PAG. 6)

ANTOPORA



Estação primeira

Queiramos ou não, o Ano Político traz consigo um não-sei-quê sazonal que dá a ele características de estação-do-ano, como o calor do Verão, o cinzento do outono, o frio do Inverno ou até a flor da Primavera. O Ano Político é, fora de dúvida, uma estação.

E se você sair por aí, como um naturalista em busca dos sinais que caracterizam o Ano Político, irá encontrar, basicamente, três marcas desse tempo: a perplexidade, a apatia e o descontentamento.

O primeiro desses frutos, a perplexidade, floresce nas camadas onde vivem os ingênuos — que ainda existem, por mais que você esteja cético a respeito. Os ingênuos são pessoas de boa-fé, participantes a seu modo, que cumpram a obrigação política do voto na eleição anterior, que tinham consciência limpa quando exercitaram esse direito e que estão perplexos ao descobrirem que a boa-fé de seu voto existia apenas neles, não nas pessoas que eles acreditavam boas. Se a boa-fé é a grande virtude dos ingênuos, a subjetividade é o seu grande vício.

Se você pretende exercer a ciência Política, sua missão é procurar fazer com que o ingênuo saia de dentro da sua consciência pessoal (subjetiva) e aceite uma consciência maior (comunitária), que implica em análise mais funda dos problemas gerais, que exige um engajamento em questões que transcendem aos quatro muros da casa onde se vive.

Não se espante se, ao falar dessas coisas, você notar que o ingênuo está te achando ingênuo. Persista. Sua boa-fé se encontrará com a dele, logo-logo. A partir desse instante, a perplexidade desaparece. Por quanto tempo? Vai depender de você.

O descontentamento é outro fruto do Ano Político. Ele floresce em quase todas as camadas, talvez porque o solo esteja propício. Ou talvez porque sua raiz seja funda demais, venha lá do subsolo onde existe o betume de esperanças muito antigas, mil vezes mortas, mil vezes soterradas, hoje apodrecidas, fossilizadas.

Erradicar o descontentamento é uma tarefa difícil, que exige mãos firmes, mas sensíveis. Mão firme para que você possa agarrar for-

temente as suas causas, tão escorregadias. Mão sensível para que você, ao agarrar, não comprima a tênue seiva que corre dentro dos descontentes, seiva que também vem de lá do fundo e que, por isso, contém o sêmen daquelas esperanças todas que persistem no subsolo e sem as quais o descontente não teria forças para sequer continuar vivendo.

Finalmente, a apatia. Ela frutifica nas consciências gordas e nas consciências mais jovens. No primeiro caso, ela é culposa, maligna, entregue a si mesma, egoísta. Você terá muito trabalho para desesclerosá-la, desengordurá-la, fazê-la mover-se. Todo o avanço do mundo ainda não foi suficiente para romper a inércia do apático-velho. É preciso que alguma coisa aconteça muito perto dele para que ele se mexa. Feliz ou infelizmente, as coisas estão acontecendo muito perto, o que talvez seja uma chance de regenerar esse tipo de apatia.

A apatia jovem, em si, não é tão complexa e talvez pudesse ser erradicada com facilidade, não fossem os fatores externos, intencionalmente programados, que agem no sentido de conservá-la viva.

Ela é voraz, tem fome, e na fúria de consumir, consome qualquer coisa, consome de tudo. Se, por um lado, essa é a sua fraqueza, seu ponto vulnerável, por outro lado tudo quanto lhe é dado para consumir é, via de regra, inconsistente. E aí está a porta por onde você pode entrar e agir.

Como? Propondo-lhe coisas consistentes, talvez indigestas no começo, mas que deixarão resíduos. É que, no terreno fértil da consciência nova, tenderão a brotar viçosas.

Um lembrete: não tenha pressa. Porque a medida de tempo do jovem está longe de ser a sua: ele levou séculos para chegar aos 18 anos, pergunte a ele se não.

Outro lembrete: não tenha pressa. Porque, em matéria de "saisons politiques" nós ainda estamos na Primavera. Eu, pelo menos, acho.

Erazê Martinho



Pois é. Como todo mundo, eu vendo o meu "peixe" conforme compro na praça. Se é podre e fedorento a culpa não é minha. É da "Higiene" que não fiscaliza direito a maroteira. E o que distribuiu hoje à prezada freguesia está fresquinho da silva. Isto é, foi o que conclui ao ver as suas guelras que estavam bastante avermelhadas. Todavia, na salvaguarda da minha integridade profissional não descarto o perigo de ser o cujo um "pescado" velho conservado em congelador que só agora vem sendo liberado para o consumo dos bisbilhoteiros.

Bem, aí vai o "peixe". Si non é vero, é bene trovato.

Corre pela rua um azucrin garantindo que o Reis não passa de cortina de fumaça que o Pereira ventarola para esconder o gajo, quer dizer, o candidato, que vem sendo apontado como vice por via dos despistamentos. É esse mesmo que vocês estão pensando. É o Paoletti.

Desde que se alastrou o boato de que o Reis era sócio do Pereira, nas compras, nas vendas e em "outras cositas mas", que o balão de ensaio murchou a tal ponto que já não dá mais pra se arriscar. O Reis carrega o estigma do Pereira. Estigmatizado como está, não dá no couro. Cavalheiro galante, refinado e lhano no trato como só ele sabe ser, é uma antítese do outro que outra coisa não faz senão meter os pés pelas mãos. Isso faz com que se desgaste no dia a dia do desgoverno, cumprindo, assim o fa, o do holandês, o que vale dizer, pagando pelo que o outro fez. Não está sendo, por isso mesmo, o papável ideal, fato que vem aguçando o epicurismo político dos partidários do Paoletti.

A troca — dizem — está dependendo de um único empurrão que será dado na hora agá.

Por enquanto, as coisas vão ficar como estão, para que não sirvam de pasto às explorações do pessoalzinho do emedebê. Ao seu tempo, porém, virão a furo com todo vapor.

Ora, aí está uma boa. Se o Reis tem mesmo que ser incinerado na pira do desencanto, porque não se emergir de suas próprias cinzas, promissor e refulgente como a Phenix, o secretário da Educação? Sim, senhores, o Nassib. Isso mesmo. Porque não. Pode ter lá seus arranhos, isso tem. São percalços de sua ingloria fidelidade, facilmente contornáveis. Em contrapartida tem a seu crédito o galardão de não ser negociista nem sócio do Pereira, porque nunca comprou nem vendeu terras na zona proibida. É de boa família. Não é aventureiro. O Nassib, sim senhores. Se não for o melhor, será sem dúvida o menos pior. É prata da casa, um "handicap" que não pode ser despresado.

Mas, não vai ser porque quando o Nassib vai indo com o milho o Pereira já vem voltando com o fubá. A primeira coisa a fazer, e ele sabe disso, é reconquistar as amizades perdidas que contam-se por milhares. Um alcaide atritado com a rua por operoso que seja será sempre um péssimo governante.

E vocês acreditam que o Pereira vai se masoquiar em favor do mais cotado, quer dizer, do Nassib? Estão enganados.

Um bom relacionamento com o povo capitaliza para o Pereira, que faz questão de deixar a sua cadeira para um "massete" que lhe abra os caminhos para a Assembleia, que não engrije as suas engrenagens.

Com o Reis não engriparão. Com o Paoletti tão pouco. Com o Nassib tudo pode acontecer.

Sai o Reis entra o Paoletti
Sai o Paoletti entra o Nassib
Se o Pereira decidir
Trocar o frango por kib

Nenhum dos dois todavia
São do gosto do Pereira
Que transa com garantia
Não vai cair nessa asneira

Por mais pesado que seja
Ainda o melhor negócio
É carregar de bandeja
O Reis, o Amigo e o Sócio. Simão

Requerimento ao Prefeito - nº 10

Entre os deveres de um Prefeito desponta naturalmente a preocupação de bem defender a economia municipal.

Nada mais correto, portanto, do que a posição do Executivo quando determinou as orgãos competentes, o estudo da participação do município na arrecadação do ICM. Já era problema em debate, pois, vários municípios discutiam com o Estado facetas de interpretação ou diferenças que estariam resultando em prejuízos aos cofres municipais. Cumprida ou cumprida movimentação nesse sentido com o objetivo de rever os cálculos.

Não cabe aqui discutir a tese, apenas registrar que o Executivo cumpriu uma de suas obrigações acionando os órgãos competentes.

Não confiou, entretanto, nos advogados da Prefeitura e

contratou um profissional da Capital para representar o município na Justiça.

Até aqui, também, pode-se aceitar, uma vez que poderá se tratar de um profissional altamente especializado e assim proporcionar maiores possibilidades de sucesso.

O que está interessando conhecer são as condições do contrato, pois, consta já haver sido pagos ao ilustre causídico mais de Cr\$ 700.000,00, sem que se saiba do sucesso ou não da contenda. Ao que se sabe, a praxe nos contratos dessa natureza não é pagar adiantado. Também não entra nesta altura a discussão do mesmo, uma vez que não se conhece suas disposições. Mas é importante que,

Considerando que entre muitas despesas ainda não esclarecidas da Prefeitura Municipal

está essa de honorários de advogados e no caso específico, do que funcionou na ação relativa ao ICM;

Considerando que honorários de Cr\$ 700.000,00 representam qualquer coisa de muita significação, tendo-se em conta que um advogado da Prefeitura tem que trabalhar diariamente 5 anos para receber essa quantia;

Considerando que seria de todo conveniente dar-se conhecimento público dos termos do contrato com mais esse profissional para se apreciar ou acrescentar mais um caso;

Considerando que o contrato poderá estar absolutamente correto e por isso nada melhor do que trazê-lo a público;

REQUEIRO, digno-se o sr. Prefeito Municipal informar o seguinte:

1) O Advogado contratado para defender a Prefeitura no caso ICM é especializado em Direito Tributário? Seus Trabalhos no campo são de notoriedade pública?

2) Quais as condições estabelecidas com o mesmo, quanto a honorários?

3) Quanto já foi pago e quanto falta pagar a esse título?

4) O processo já foi concluído e quanto a Prefeitura recebeu ou vai receber?

5) Em caso negativo em que fase está?

Nota: Ainda não recebemos qualquer resposta aos requerimentos, 1,2,3,4,5,6,7,8 e 9.

Virgilio Torricelli

Seu Ibis se desmente: Falta água nos bairros.

Tendo sido o Jornal de 2ª interpelado judicialmente pelos srs. Paulo Roberto Leopardi, José Eugênio Vieira, José Roberto Pardini e Gustavo Leopoldo Maryssael de Campos, todos maiores, residentes nesta cidade, que se declararam ofendidos em sua honra, caluniados, injuriados e difamados, em um artigo de nossa autoria, publicado nesta seção em 23 pf., sob o título "Seu Ibis se desmente: Falta água nos bairros", cumpre o sinatário de espontâneo, esclarecer a quantos o presente virem

ou dele conhecimento tiverem, o seguinte - partindo da premissa de que o jornal é o porta voz do povo e ao jornalista compete implicitamente a obrigação de examinar, criticar e comentar tudo quanto respeite o ato público que envolva o interesse comunitário.

Sem desdouro e íntegros em nossa hombridade, não obstante, devemos dizer, e reparar se for o caso, o que fazemos por dever de ofício, que o artigo citado pelos interpelantes não envolve ofensas a sua honra ou a de quem quer que seja. Também não difama, nem injuria, nem calunia. Trata, simplesmente, de um comentário sobre informações prestadas pelo sr. prefeito municipal ao Jornal de Jundiáí, que delas deu ampla publicidade.

O texto do artigo que os interpelantes citam como ofensivo às suas pessoas, é o seguinte:

"Não é o caso de se perguntar para onde é que está indo então o produto dos escorchantes aumentos que o DAE vem cobrando ao contribuinte? Só para pagar o filhotismo? Sim, porque o DAE é o refúgio dos "chupetas", dos ociosos, dos serviços do prefeito".

As palavras do sr. prefeito são as seguintes: "O financiamento para a água é a obra mais importante de nossa administração. Até o final deste ano a conclusão da barragem do Jundiáí-Mirim quando então teremos água nos bairros". Entretanto, em 6/9/75, o chefe do executivo dava largas à seguinte nota: "Fim da falta d'água. Um dos mais cruciantes problemas que sempre assolou Jundiáí, o da água suficiente para atender a toda população encontrou sua solução definitiva."

Como se viu, o sr. prefeito mesmo desmentiu o que disse àquela época, isto é, em 6/9/75.

Entremos, agora, na apreciação dos pejorativos que os interpelantes erroneamente interpretaram, como dirigidos às suas pessoas:

"Filhotismo e refúgio é porque, estando a Prefeitura entupida por comissionados, sempre é encontrado no DAE lugar para mais um. "Chupeta" é um apelido que a rua deu aos demissíveis ad-nutum. Ora, pelo que nos é dado saber, nenhum dos interpelantes está dentro dessa área depreciativa, pelo que, ao nosso entender, estão metendo até as orelhas uma carapuça que não foi fabricada nos moldes de suas cabeças. Um deles, o sr. Gustavo Leopoldo Maryssael de Campos nem funcionário do DAE é. Não compreendemos porque se considera ofendido com implicações totalmente alheias à sua pessoa.

A menção do DAE no artigo em apreço foi mera referência passageira, já que, na essência, se referia às declarações conflitantes do sr. prefeito.

Quanto à citação dos desenhos da página da frente, a despeito de não ser de nossa autoria e o nome do responsável constar do Expediente, consoante informações que nos deu, tem por objetivo uma "charge" referente aos depoimentos constantes da página central.

De qualquer forma, porém, reafirmamos aos interpelantes que jamais tivemos intenção de atingi-los no comentário em apreço. As pessoas, respeitamos na sua individualidade. Só o fato público nos interessa.

|Elcio Vargas

JORNAL

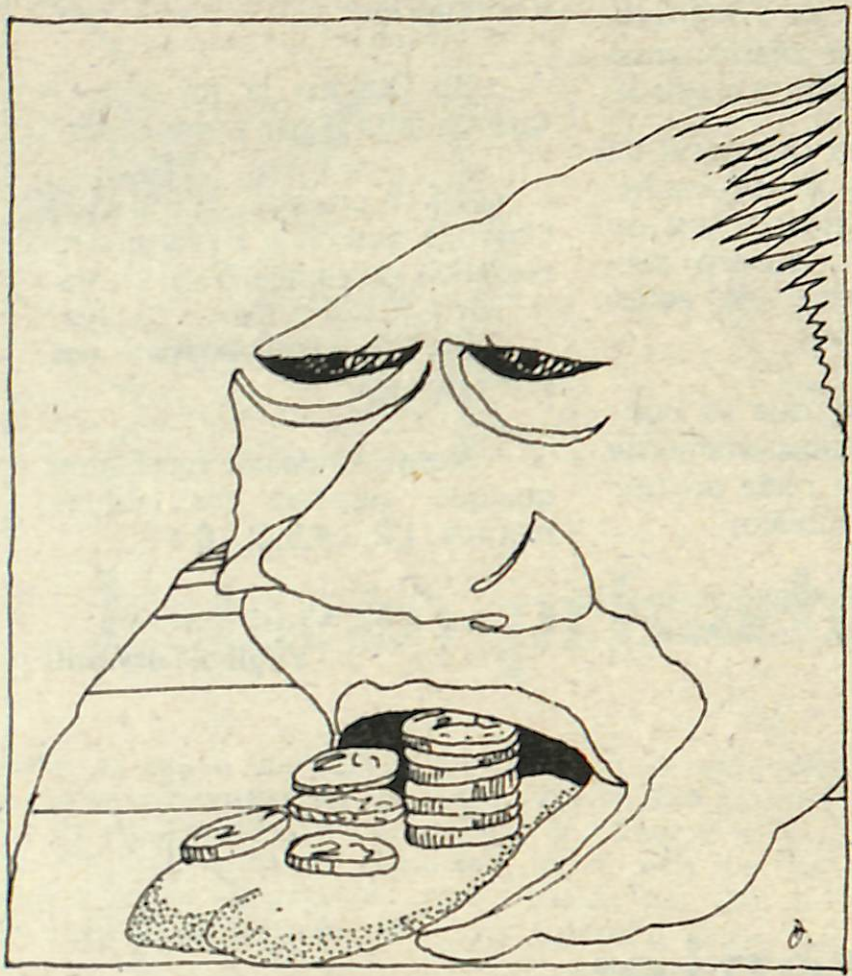
DE 2ª

**TODA 2ª FEIRA
NAS BANCAS**

JORNAL DE 2ª FEIRA
Propriedade da Editora Japi Ltda
Rua Senador Fonseca, 1044 - Fone - 4-2759
Redator Chefe: Carlos Veiga
Capa e ilustrações: Decio Denardi
Diagramação: Carlos Kazuo Inoue
Impressão: Departamento de Off-Set do
"Diário do Povo" - Campinas

Zona Franca

(O leitor escreve, comenta e opina)



Sr.
Temos acompanhado a sua preocupação para com os desmandos que caracterizam a atual administração municipal, no esbanjamento dos recursos arrancados, sem complacência, dos pobres contribuintes dos impostos territorial e predial.

Como era de se esperar, nenhuma resposta. Mesmo porque elas seriam altamente comprometedoras, é evidente.
Quando o prefeito decidiu "arrancar o couro" do contribuinte jundiaense, em 1974, elevando em média 700% a tributação dos já mencionados impostos, distribuiu uma ex-

plicação pessoal, impressa em papel jornal de péssima qualidade (neste tempo a Prefeitura ainda era pobre!) onde iniciava assim:

"Na ocasião em que distribuí os avisos de cobrança de impostos para 1974, a sua Prefeitura pede licença para explicar-lhe em que o seu dinheiro está sendo gasto e que benefícios você pode esperar do Governo Municipal".

Mais, adiante, continuava ele:

"Os estudos realizados pela municipalidade mostram que é necessário concentrar os maiores investimentos em três áreas principais: saneamento básico (água, esgotos e galerias pluviais), educação primária e obras viárias.

Continuando, o prefeito especifica as verbas reservadas no orçamento para essas prioridades em 1974 saneamento básico — Cr\$ 25 milhões; educação primária — Cr\$ 6 milhões; obras viárias — Cr\$ 200 milhões. É preciso algum comentário adicional?

A diferença de verbas atribuídas a cada "prioridade", hoje é fácil de en-

tender: em Saneamento e Educação não há necessidade de movimento de terra (contratado a 4 vezes acima dos valores pagos pelo DER) nem do asfalto (pago a preços que atingem 100% acima dos níveis do mercado).

Por outro lado, o montante das verbas mencionadas definem a filosofia do Governo Municipal quanto ao significado real das "prioridades": saneamento e educação primária beneficiam a população mais pobre, desamparada e sem portas-vozes para defendê-la. Já as obras do Sistema Viário, beneficiam empreiteiro, os proprietários dos terrenos lindos e vizinhos às marginais, aos compradores de terras que tem antecipadamente conhecimento do traçado dessas avenidas e podem comprar a Cr\$ 5,00 o m² e revender a Cr\$ 100,00, mesmo que no exercício de cargos públicos.

Mas o fecho do citado boletim do Prefeito merece primeira página e manchete:

"Se você desejar maiores esclarecimentos sobre como e onde o seu dinheiro dos impostos está sendo aplicado, procure o Vereador de sua preferência ou dirija-se diretamente às repartições mu-

nicipais. A Prefeitura persiste ao povo, e tem portas abertas a todos as ações de estar sempre de cidadãos que cumprem com suas obrigações civis".

Assim falou o Prefeito Municipal!

Como é possível calar-se ante tanta demagogia? Será que o sr. Prefeito entende que está dirigindo uma cidade de negócios? De analfabetos e ignorantes? De débeis mentais?

Razão tinha o grande presidente dos EE.UU da América, A. Lincoln quando dizia mais ou menos assim:

"Pode-se enganar todo um povo durante um certo tempo. Pode-se enganar parte de um povo todo o tempo. Mas não se pode enganar todo o povo todo o tempo!"

O futuro confirmará, mais uma vez, muito em breve (afinal as eleições estão aí) a clarividência daquele grande presidente;

SS

É isso aí!

ROVIDRES/
Charne
CALÇADO/
ROZARIO, 626

DECIO DENARDI
desenhos-anúncios-logotipos-folhetos-cartazes
ruo dos bandeirantes, 683- fone 6-8066 - Jundiaí

FOTOCOPIADORA MALTONI
TEMOS O MELHOR SERVIÇO DE XEROX DA CIDADE
Rosário, 618 Fone - 6-8460

MATERIAL MEDICO HOSPITALAR
ODONTOLOGICO.
AMBULATORIO
FARMACIA
TANNERT & STELLA
Rua Benjamin Constant, 259 FONE 6 6159

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.
AS TAMPAS PLASTICAS, ARMARIOS DE PENDURAR
E ARMARIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO
ASTRA
Rua Colégio Florence, 59 Tels. 6-4650 e 4-1489

Estórias de Nho Juca

Acho qu'era 1911. Ou seria 1912. Sabemo lá! Sei que o tal do cometa Halley acabara de passar; aquela bolona de fogo piscando no céu um mundão de faíscas, era ver um tição de fogueira pichando pra riba, aquele rabão mais lindo, brilhando as noites do meu sertão. Muito choro, gritaria, rezas, gente malucada de medo de morrer e se matando por causa disso, e as estórias. Ah! as estórias! Qu'era o nascimento de um segundo Jesus; e muita gente — reis magos do século XX — acompanhou o tal cometa, alguns nunca mais voltaram. Qu'era o fim do mundo, um trompasso enorme com um incêndio total. Não ia o mundo acabar em chamas? Tinha chegado a hora. E aí entrava a explicação do pároco, o bom padre Damião:

— Que não, que não se assustem, que não era nada disso, qu'era só um cometa com data marcada de chegada e partida. Uma viagem que durava setenta e cinco anos...

Nem assim. Era toda santa noite o zoio grudado no céu espiando o tal, sempre iluminado. E aí o tal se foi. Foi, mas sua passagem era prenúncio de desgraças, isto era. Esperassem qu'elas viriam. E vieram. Acho que foi em 1911 ou 1912. E foi o tal de cometa o culpado da desgraça tão grande que assucedeu.

O inverno fora de gelar o curachim, que toda madrugada geava. Friuzera tão grande nunca se tinha visto, de noite era cobertor por fora, pinga por dentro e o brazeiro aceso no meio do quarto. A criançada aninhada toda junta, embolotada na cama grande. Misturanga de tantos pés com tantas mãos nunca se viu, em se querendo se coçar era impossível, coçava-se sempre o pé do outro. E as geadas queimaram tudo, os animais passavam fome, a água que mingüava, aos poucos se acabou de todo, precisava tirar do poço pra descender homens e bichos, nunca se vira coisa assim. Era agosto, era setembro, era outubro e nada de chuva.

Nho Bráis escutou uma barulheira estranha e saiu na varanda. E viu o que não era novidade: o povo da redondeza vinha vindo em comissão e ele já sabia o qu'era.

— Nho Bráis, bastarde...

— ...tarde!



— Mecê num emprestaria o Santo pra nós fazê uma porcição? Tava acostumado. Seu Santo Benedito era o santo mais lindo do arraial. E já era a quarta vez que lhe pediam o Santo. A porcição era sempre assim. Prendiam o santo no andor e levavam-no ao ribeirão. Lá chegando, davam um banho no São Benedito. E traziam-no de volta à casa do dono. E sempre rezando e cantando

Lovando à Maria o povo fiel...

Por que cantavam "Lovando" se o santo era Benedito e preto? Preto nada, tava branco de tanto tomar banho, aquele ano tava duro...

E lavraram a terra; e semearam a semente que não nasceu. Nem o milho, nem o feijão e nem o arroz, que o novembro já tinha se ido.

Numa noite, na casa de não sei quem, o povinho reunido em volta do poia do fogão, o desânimo encarnando o ar da cozinha, alguém lembrou:

— Que tar percurá nho Juca?

— Pra mode o quê?

— Ué, nho Juca é manda-chuva...

— Ocê tá falando de nho Juca Bolinho?

— Tal'i quá...

E combinaram. Zé Papudo drogou um embornal de milho no alazão, deu uma limpada no arreo...

— ... Tá lustroso de olho de peixe, mode a conservá...

... e de madrugada se enfiou pela estrada de Pirapora, embarafustou pelo Missé, demandou pr'as bandas de Nossa Senhora da Pedra Fria e foi sair em Jundiáhy... Uma vez chegado... batidas na porta...

— Ó de casa!

— Chegue!

— Lovado!

— Prá sempre...

Acertaram. O manda-chuva iria à Parahyba. E foi. Era quase natal.

— Nem bem ponhô o pé na vila (contava depois Nho Lázo) desabô a chuvarada. Premero, grossona que nem quatrocentão e depois garrô uma criadera que varô a somana...

Mas prá nho Juca a obra não estava completa. Carecia agradecê. São Benedito? ... perguntaram.

— Quá o que, o Bão Jesus de Pirapora.

E lá foram em romaria. Romaria de penitência, em ação de graças. Confessaram no dia anterior e saíram a pé, rumo ao santuário. Em Jejum. E comungaram. Venite adoremus, adoraram.

Bão Jesus continuou sendo o Bom Jesus; coroadado de espinhos, manto de púrpura, Rei fantasiado de rei, pr'ele nada mudara. Mas o povinho voltou reconfortado, melhor.

Em 1914 o manda-chuva Juca Bolinho e mais alguns companheiros— João Fontebasso, Maurício Maião, Nho Vico de Paula, Joaquim Ladeira, Lulú Dias, Luiz Fagundes, Antonio Madeira, Joaquim Rocha, Joaquim Caxambu, Carlos Róveri, Nho Sucupira (Antonio de Oliveira), João Batista Figueiredo e Afonso Róveri — fizeram a primeira romaria Jundiá-Pirapora.

Começava a primeira Grande Guerra Mundial. E terminou, e veio a Segunda talvez venha a terceira.

Os homens mudaram, as guerras também, mas a Romaria continua a mesma. Sessenta e dois anos de penitência é um bom treino para enfrentar qualquer parada.

O Bartimeu

Pronto Socorro
Veterinário
Rua Barão de Jundiá, 227
Fone — 6-7325

Foto Gelli
Rua do Rosário, 334
Fone, 4-2253.

Cocato
O mecânico do seu carro.
Rua Dr. Antenor Soares
Gandra, 140
Fone — 6-4522

Foto Luiz
Rua São José, 22

Açougue e Casa de Carnes
Marcio Cacezes
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicílio
Fone 6-4880

Clínica Dentária São José
Tratamento dentário
em geral.
Dr. Sérgio de Melo Tavares
Rua São José, 44 - centro

Escritório Comercial Leonel
Rua Vigário JJ Rodrigues, 162
Fone, 6-1541



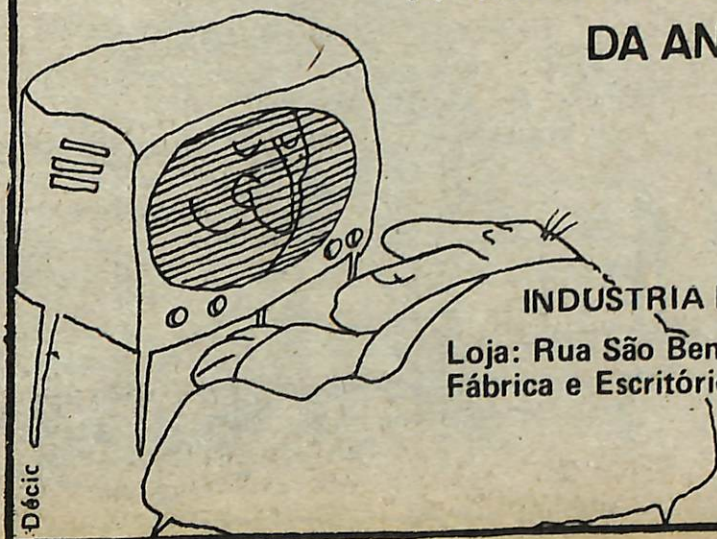
refeições industriais

R. JOSE BONIFACIO DE ANDRADE E SILVA, 408
FONES: 6-6392 E 6-2461

COZINHA
JUNDIAIENSE
LTDA

**A IMAGEM QUE VOCÊ VÊ, DEPENDE
DA ANTENA QUE VOCÊ TEM.**

TEMOS UM TIPO DE ANTENA
PARA CADA NECESSIDADE



INDUSTRIA DE ANTENAS JUNDIAI LTDA.

Loja: Rua São Bento, 126 — Telefone 6-8164
Fábrica e Escritórios: Via Anhanguera, Km 60,800
Telefones 6-1111 e 6-8142

E' o fim da picada!!!

Não é preciso que nos digam. Somos tão pequeninos, tão insignificantes como portavoza da opinião pública que em tecendo críticas ao Senado Federal poderiam os "experts" dizerem que estamos levando a nossa petulância ao paroxismo das pretensões. Que estamos querendo ofuscar estrelas com a luz mortífera da nossa lamparina. Pois que digam lá o que quiserem, o que será aceitável nesta época em que a incontinência verbal extrapola as bases incultas para as cúpulas governamentais. O que não podemos é deixar de estranhar em voz alta as irreverentes acometidas dos senadores Petrônio Portela e Jarbas Passarinho contra os interesses maiores do nosso município, quando, combatendo as alegações do sr. Franco Montoro, pronunciaram-se a favor do empréstimo que o prefeito Ibis Cruz vem pleiteando junto aos

estabelecimentos de crédito nacionais.

Tanto o erudito líder do governo como o seu ilustrado companheiro de bancada constetaram o senador emedebista arguindo politiquice e procrastinação no encaminhamento do processo relativo ao empréstimo pleiteado para Jundiá.

Não obstante ser o nosso redator-chefe um fundador e membro atuante da Arena, não cabe aqui brandir a arma política na defesa dos públicos negócios municipais. Nem Portela, nem Passarinho, jamais puzeram os pés em Jundiá. Das longínquas plagas do Piauí e do Amazonas, se já cruzaram um dia o nosso rincão, o foi pelos ares. Nada conhecem sobre a nossa vida, nossas necessidades e nossos anseios. No entretanto, (trocando chumbo), por politiquice, com a força de seu cargo, de seu prestígio e da sua fertili-

dade imaginativa, ingerem danosamente nos destinos deste município a mil e tantos quilômetros de distância.

Somos municipalistas e não nos interessam as siglas partidárias abraçadas por qualquer dos tres respeitáveis senadores que nos dão a honra destes comentários. O que nos interessa intimamente é a vida pública municipal na terra em que vivemos.

Se os senhores Portela e Passarinho pudessem sentir de perto a conjuntura administrativa em Jundiá, (temos certeza), não hesitariam em mudar a sua opinião sobre as razões de Montoro quando repudia a parca do endividamento.

Cidade obreira, que se levanta com os albos do sol e se recolhe à boca da noite, Jundiá mantém oti-

vo um parque industrial e uma lavoura frutífera que se situam entre os mais importantes do país. Todavia, 80 por cento da sua população ou vive nas forjas e nos teares ou maneja a enxada no amanho da terra.

Para que logrados fossem outros empréstimos que o prefeito já dissipou em obras suntuárias, sem quaisquer ressonâncias prioritárias, houve uma carga tributária sobre o contribuinte de valores não raro estimados em cinco e mais mil por cento, a fim de que pudesse ser bitolada a capacidade de endividamento. E o povo recebe novos encargos que só a duras penas poderá pagar.

Desta feita, com um gravame de mais 228,5 milhões o alcaide pretende extravassar o nível suportável do endividamento ao apagar das luzes do seu

malsinado governo, a fim de que possa executar obras à galope, através de concorrências consideradas de público como compadrecas e lesivas à economia municipal.

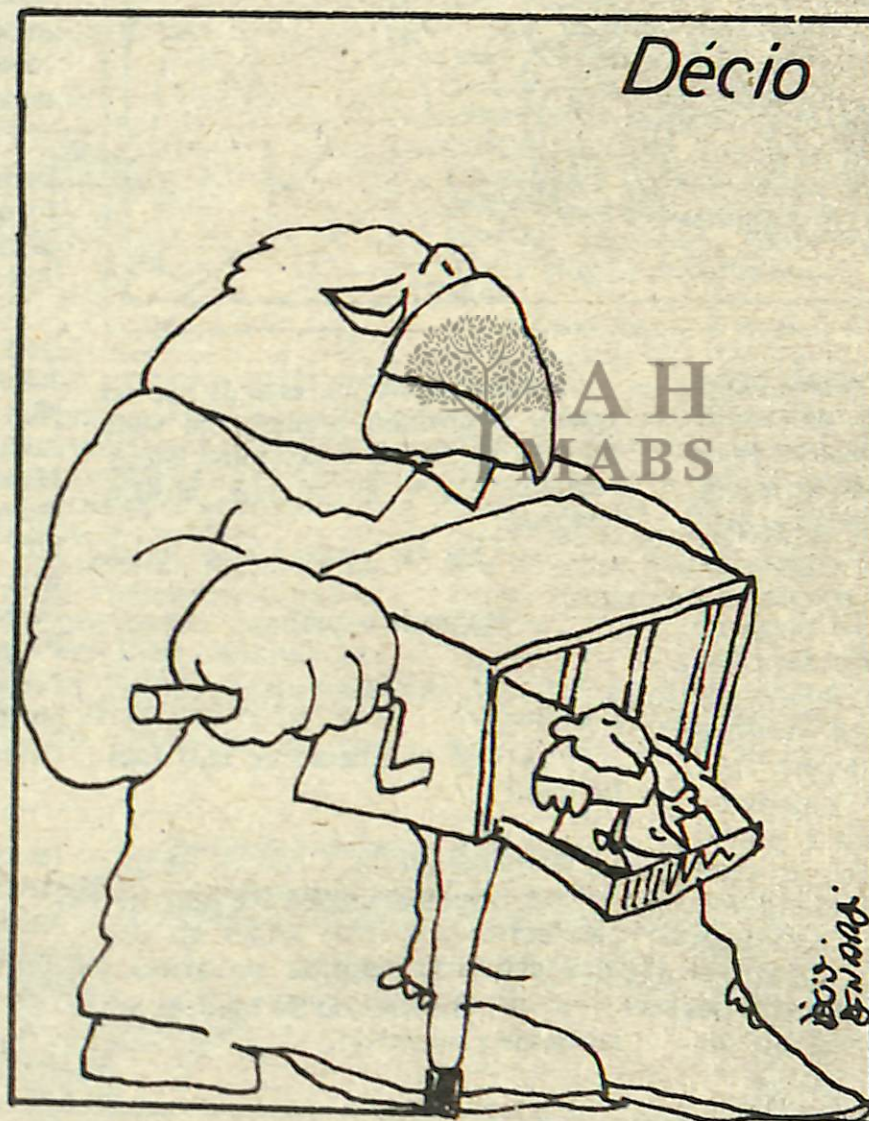
Não senhores senadores. A distancia que vossas excelências se encontram da nossa tenda de trabalho não poderão julgar nem decidir do que seja melhor para nós. A urgência requerida no plenário do Senado, à revelia dos competentes pareceres é uma aberração parlamentar, uma monstruosidade.

Não foi sem razão que o prefeito, desafiando os desejos dos munícipes reuniu a imprensa e declarou: "Digam ao povo que eu vou à Brasília e tiro o empréstimo do Senado dentro de no máximo trinta dias, pouco se me importando o que possa ter decidido a respectiva Comissão de Economia. E o fim da picada!!! C.V.

LEIA e ASSINE

O JORNAL DE 2ª

Rua Senador Fonseca,
1044
Fone: 4-2759



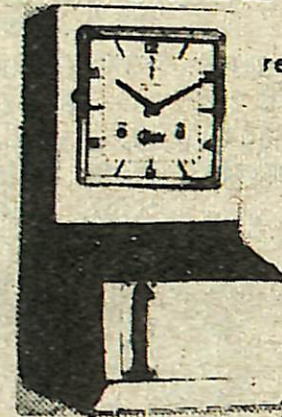
Porquido

**RESTAURANTE
Wyskeria**

**Carnes "Santa Gertrudes"
Chopp-Claro e Escuro**

**Aguarda a sua visita
Rosario, 670 - fone 4-3201**

RELOGIOS DE PONTO ROD-BEL



revendedor autorizado
em Jundiá:

COMERCIAL

**PANIZZA
LTDA.**

**BARÃO-427
FONE: 6-8231**

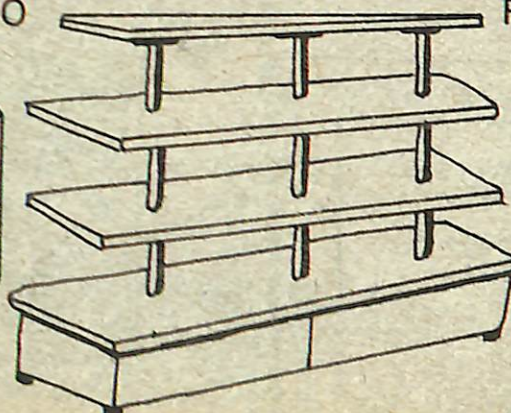
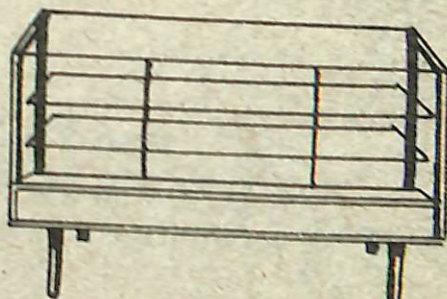
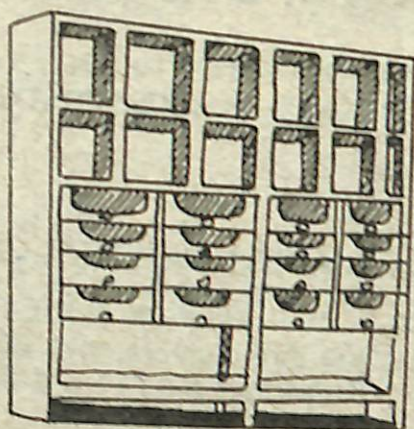
GRUPO M LONGO

M. LONGO INDUSTRIA E COMERCIO DE MOVEIS LTDA.

Instalações Comerciais, Vitrinas, Gôndolas, Balcões,
Estudos e Projetos.

EXPOSIÇÃO E VENDAS

Escritório: Rua Vigário J.J. Rodrigues, 220
Fábrica: Av. Dr. Cavalcanti, 179/193
Fones: 6-1789 6-7890



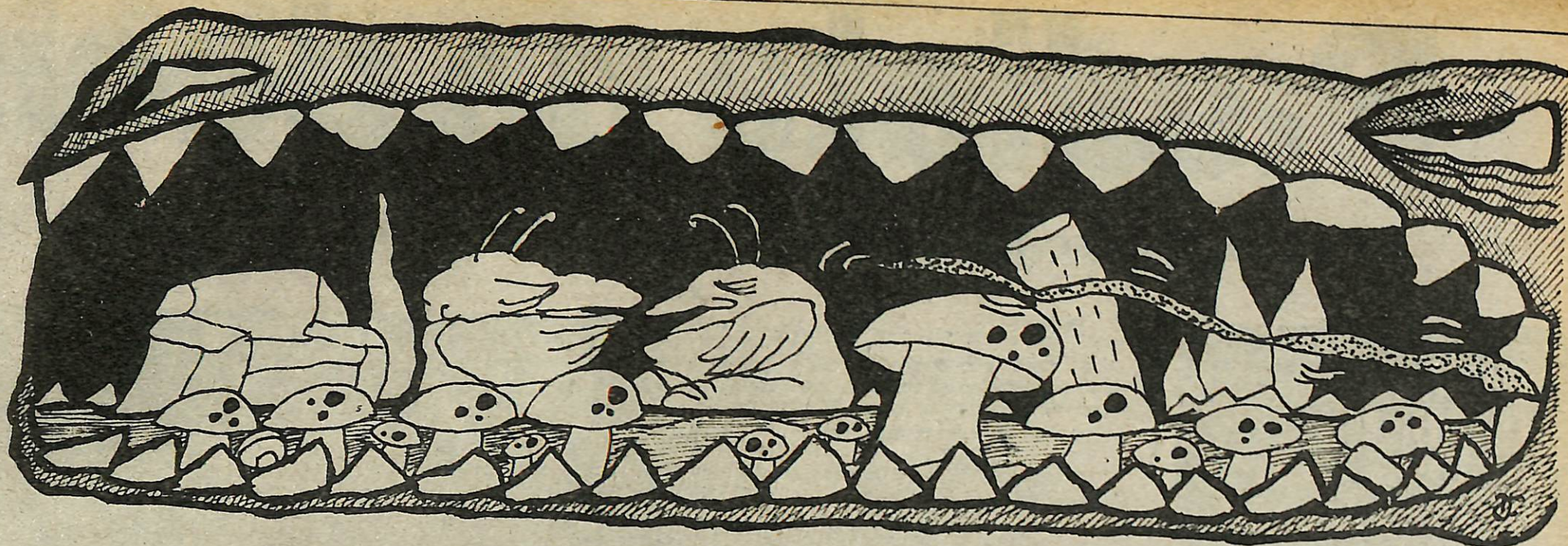
CONCRELEVE

INDUSTRIA E COMERCIO LTDA.

Escritório:
Rua Vigário J.J. Rodrigues, 220
Fones: 6-1789 6-7890

Blocos AE 500
Placas
Lajotas de Concreto
E Pré - Moldados





Na floresta de pedra

Era uma civilização muito antiga, muito antiga mesmo, que se perdeu nos alfarrábios que registram o tempo. Eram gnomos: duas tribos de gnomos. Da mesma raça, mesma altura, mesma pele, mesma consistência. Falavam até a mesma língua, o que não impedia que fossem inimigos mortais.

Viviam numa floresta de pedra. Uns se intitulavam lucianos e os outros trimanos.

Contam velhas inscrições que os arqueólogos guardam nos porões dos museus: os lucianos e os trimanos, antes de se agruparem, formavam dezenas de pequenos, médios e grandes grupos que se juntavam em volta de gnomos bem falantes e influentes, e disputavam entre si grandes e pequenos troncos de pedra. Os que conseguiam sentar-se nos troncos de pedras eram os homens mais importantes da comunidade e suas vozes ecoavam pela floresta de pedra, ricocheteavam nas árvores de granito, e iam perder-se quase sem-

pre num grande vale de onde o som nunca voltava.

Os que não conseguiam sentar-se nos troncos de pedra vagavam sem rumo, e muitos imploravam à Ursa Menor que mandasse à aldeia o eco da Grande Trovoada.

Um dia ouviu-se um estrondo em toda a floresta de pedra e uma grande nuvem lilás cobriu a Ursa Menor e todas as outras constelações. Contam-se verdades insondáveis: os rios correram para as serras, os mares refluíram e de dia a luz do céu, de incandescente que era, mudou para tons marrom-opaco.

Os gnomos sentiram-se seguros, fortes, porque os que se sentavam nos troncos de pedra foram desalojados e todos os que não se sentavam nos troncos de pedra achavam que ali estava a causa da agonia das plantações de cogumelos que cresciam nas fendas e das quais eles se alimentavam.

Mas havia sempre gnomos que não concordavam com os outros gnomos. Discutiam sobre os cogumelos, sobre a floresta, sobre o lugar onde o sol se punha. Os que achavam uma coisa foram ser lucianos, os que achavam outra coisa foram ser trimanos.

Mas mesmo entre lucianos e trimanos reinava a discórdia e todos queriam sentar-se nos troncos de pedra. Os lucianos não deixavam o lugar de bom grado para os outros irmãos lucianos, e os trimanos faziam a mesma coisa com os outros irmãos trimanos.

Os lucianos, que se diziam predestinados por terem feito orações mais altas à Ursa Menor, sentaram-se em muitos e muitos troncos de pedra. Mas havia lucianos que queriam os troncos dos outros lucianos. Os trimanos, mais débeis, frágeis e transparentes, tropeçavam nas raízes das árvores de floresta de pedra, caíam e se machucavam. Alguns se levantavam e os outros não. Os que se levantavam comiam raízes estranhas encontradas nos sopés das montanhas e criavam anti-corpos. Mas

essas raízes tinham um estranho efeito quando a nuvem lilás encobria a Ursa Menor — o que acontecia em períodos imprevisíveis e intercalados — os trimanos que as tivessem comido se transformavam em iguanos, mergulhavam nos lagos e não voltavam à tona.

E enquanto essas coisas estranhas iam acontecendo, havia lucianos maldizendo lucianos, porque os que tinham os troncos de pedra podiam acumular mais cogumelos dos que os que não tinham troncos de pedra.

As últimas inscrições decifradas por computadores da quarta geração levam os arqueólogos, etnólogos, historiadores e paleontólogos a uma só conclusão sobre os destinos daquela estranha, velha e imemorial civilização: um dia todos os lucianos destruíram os lucianos, e os trimanos esvairam-se nas águas do lago. No lugar onde consta que eles viveram, vejam hoje os cogumelos.

Sandro Vaia

Plantão

De Meneghetti, agora, só as cinzas espalhadas pelo jardim do cemitério de Vila Alpina. Aos 98 anos de idade, faleceu Gino Amleto Meneghetti, o lendário ladrão que chegou a São Paulo, no começo do século, especializou-se no roubo de jóias e passou mais de trinta anos na prisão.

Acusado de matar o comissário Ademar Dória, em 1926, Meneghetti ficou na prisão até 1946. Resistiu nada menos do que 18 anos na solitária, a temível e medieval cela onde mal cabe um corpo humano, equipada com uma portinhola que se abre apenas três vezes ao dia, para a entrada de refeições. Muito menos tempo que isso quase matou *Papillon* na Guiana. Muito menos do que isso deixou tuberculoso João Acácio Pereira da Costa, o "Bandido da Luz Vermelha".

De seu prontuário, documento histórico que tive o privilégio de manusear, constavam roubos e mais roubos, jóias — muitas jóias. Muito de exagerou sobre seus feitos. Exagerou à Polícia, atribuindo-se façanhas incríveis e concentrando nele os grandes roubos de certa época. Exagerou a imprensa, comparando-o a Robin Hood ou Arsène Lupin.

Do exagero policial, é testemunha um delegado de polícia (Wanderico Arruda Moraes) em seus tempos de diretor da Casa de Detenção quando defendeu — por escrito — a personalidade sem rancor de Gino. Do exagero da imprensa eu mesmo sou testemunha. Uma frase

do próprio Gino: "eu sou misântropo e não filântropo". Se ele mesmo disse isso, para que insistir nas elocubrações? Meneghetti leu muito, durante toda a sua vida. Alguns acham que ele tinha tendências anarquistas. Outros se impressionaram com os nomes escolhidos para dosi filhos que sobreviveram entre os cinco que teve: Spartacus, o escravo que desafiou o império romano; Lenine, o revolucionário russo.

Meneghetti, que pediu e conseguiu licença para montar uma banca de jornais, graças a um pedido feito pessoalmente ao prefeito Adhemar de Barros. Nas prisões e, já na velhice, a licença renovada, graças ao prefeito Faria Lima.

Antes da morte de Meneghetti, porém, morreu o seu estilo: o ardil, a astúcia, a agilidade pelos telhados e janelas das casas de São Paulo dos anos 30, cidade de 800 mil habitantes, substituídas pela violência crescente a partir da década de 60. Em lugar do ardil e da astúcia, o revólver, a pistola automática; em lugar dos telhados, os tiros, a morte a sangue frio.

Um juiz perguntou a ele, em 1956: o que o senhor sente quando coloca as mãos em cima das jóias que rouba? Meneghetti sorriu: "o mesmo prazer que o senhor sente ao abraçar uma mulher linda".

Conversei longamente, na semana passada, com o secretário da Justiça, Manoel Pedro Pimentel. O tema, como não poderia deixar de

ser, foi o sistema carcerário. Temos boas novidades: a criação de uma Escola de Administração Penitenciária, que deverá funcionar vinculada à Universidade de São Paulo, com o objetivo de formar pessoal especializado tecnicamente para trabalhar nos presídios.

De fato, seria inútil debater-se a problemática carcerária em simpósios se nada fosse realizado, em termos concretos, para suprir as falhas existentes.

Basta que se diga uma coisa: do pessoal que trabalha nos presídios, atualmente, ninguém (nem mesmo o diretor geral do Departamento dos Institutos Penais...) teve curso de formação especializada. Trata-se de um vácuo que, finalmente, será preenchido.

O sistema carcerário que não pode funcionar mais à base de "eu acho que...". Chega de *eu acho*. Como diria o secretário da Justiça, em matéria de presídio existe uma certa semelhança com a seleção brasileira: "todo mundo entende". Assim como existem 90 milhões de técnicos, existem os "especialistas" em propor soluções à base de abertura de estradas com enormes bolas de ferro amarradas aos pés com correntes.

Trata-se de uma solução proposta por pessoas que nada entendem de presídios e, menos ainda, de estradas.

Percival de Souza

Paulista na decisão

Faltam quatro jogos de vida ou morte para o Paulista.

O técnico

Roberto: futebol não se joga com chicote na mão.

Quando o Corinthians ficou campeão pela última vez ele tinha 25 anos e estava no time. Era uma linha média famosa: Idário, Goiano e Roberto. Um lateral esquerdo sóbrio, de poucas palavras, futebol discreto e eficiente.

Roberto Belangero, 47 anos, ex-jogador e ex-técnico do Corinthians, ex-técnico do New Old Boys de Rosário, Argentina, está no gramado do Paulista, debaixo de chuva, suando, correndo e gritando. Sua missão: classificar o Paulista para as finais do campeonato. Ou seja, um jogo de vida ou morte. A desclassificação significa seis meses de ostracismo, abandono e luta pela sobrevivência. A classificação, traz chance de boas rendas, bons jogos, bons bichos: enfim, a razão de ser de um time de futebol.

Bem que ele se esforça, nota-se. Mas também é transparente a fragilidade do time, a precariedade das chances que ainda restam, as limitações dos jogadores de que dispõe.

Roberto, há chances?

— Claro. Temos que jogar quatro vezes. Três em casa. São oito pontos em disputa. Se ganharmos os oito, totalizaremos 16. Acho que será o suficiente.

(É evidente que Roberto acredita nisso apenas profissionalmente. É sua obrigação acreditar. Do contrário, o que estaria fazendo aí?)

Com esse time? Sem reforços?

— A esta altura acredito que não adianta mais tentar reforços. Temos que fazer o possível com essa turma que está aí. Qualquer jogador que fosse contratado agora demoraria para se adaptar ao time. Não adiantaria mesmo.

Agora, se a gente conseguir a classificação para disputar o segundo turno, aí sim precisa ser reforçado. Mas com jogadores que já cheguem donos da posição. Nada de experiências. Não dá tempo.

Quais são os pontos fracos do time?

(Roberto sorri vagamente; ele precisa ser ponderado) — Bem, o ponto mais fraco é o ataque; falta poder de ataque ao Paulista. Por exemplo veja: no plantel todo não temos um ponta-esquerda, um verdadeiro ponta-esquerda. Contratamos o Osvaldo, Vadão, há pouco tempo, mas ele já se machucou. (Vadão é um ponta-esquerda que foi eleito a revelação do ano nos Jogos Abertos de 1975, jogou no Noroeste e no Guarani, e que o Vasco queria comprar. Todas as referências indicam que é um bom jogador).

Como você vê o comportamento dos jogadores no campo? Por exemplo: como é que eles deixam escapar uma vitória tão certa como aquela contra a Portuguesa?

— O problema é que o time vinha de uma série interminável de derrotas, e os jogadores ficaram com uma falta de confiança tremenda. Quando estão ganhando, como naquele jogo com a Portuguesa, recam instintivamente. Eu quase ponho os pulmões pra fora de tanto gritar: pra frente, pra frente. Mas não adianta: é instintivo no jogador. Eles estão ganhando e aí vêm vindo, vêm vindo pra trás para garantir. Eu estou procurando fazer um trabalho de preparação psicológica para convencê-los que de que podem ganhar.

Podem?

— Claro que podem. Agora o Paulista só vai jogar com times de seu próprio nível, de igual para igual. E com uma vantagem: três vezes em casa.

Mas para ganhar é preciso chutar a gol, não é?

— É claro, eu sempre digo a eles: se chutarem vinte vezes a gol uma ou duas bolas entrar. Se não chutarem nenhuma vez, não vai entrar bola alguma. Mas é o velho vício do jogador brasileiro, de sempre querer dar um toquinho a mais. Eu sempre digo a eles: a jogada clareou, chuta.

É verdade que você vai ganhar 32 mil para classificar o time?

— Agora prefiro não falar nisso também. No momento, eu só penso numa coisa: a classificação. Eu não tenho contrato escrito com o Paulista, tenho só um contrato verbal com a diretoria. Se eles acharem que a classificação vale isso, muito bem. Se eles acharem que eu devo continuar depois, também muito bem. Mas agora eu quero ficar com a cabeça bem livre desses problemas. Eu quero pensar na classificação.

Você não tem negócios particulares? Como você veio parar no Paulista se você não precisa do futebol para viver?

— É verdade, eu tenho uma firma com dois irmãos meus, em São Paulo. E eu sempre procurei não viver só do futebol. Acontece que o futebol é a minha profissão, é a minha paixão. Fui convidado, aceitei. Eu gosto do meu trabalho, deste trabalho que estou fazendo aqui no Paulista. Eu tenho amor: sinto o jogo, grito, xingo...

Sabe-se que você gritou muito no vestiário com os jogadores, depois que o time deixou escapar a vitória contra a Portuguesa. Você é um técnico severo, ririoso?

— É, é verdade que eu gritei, mas foi por causa das circunstâncias. Afinal, o time deixou empatar o jogo por inexperiência dos jogadores, falta de malícia, de saber esconder a bola no momento certo. Enfim, falta de *mumunha*. Mas eu não sou o que se chama de um disciplinador. Um time não pode ter disciplina de quartel. Prefiro conversar com os jogadores, orientá-los. Futebol não se joga com chicote na mão.

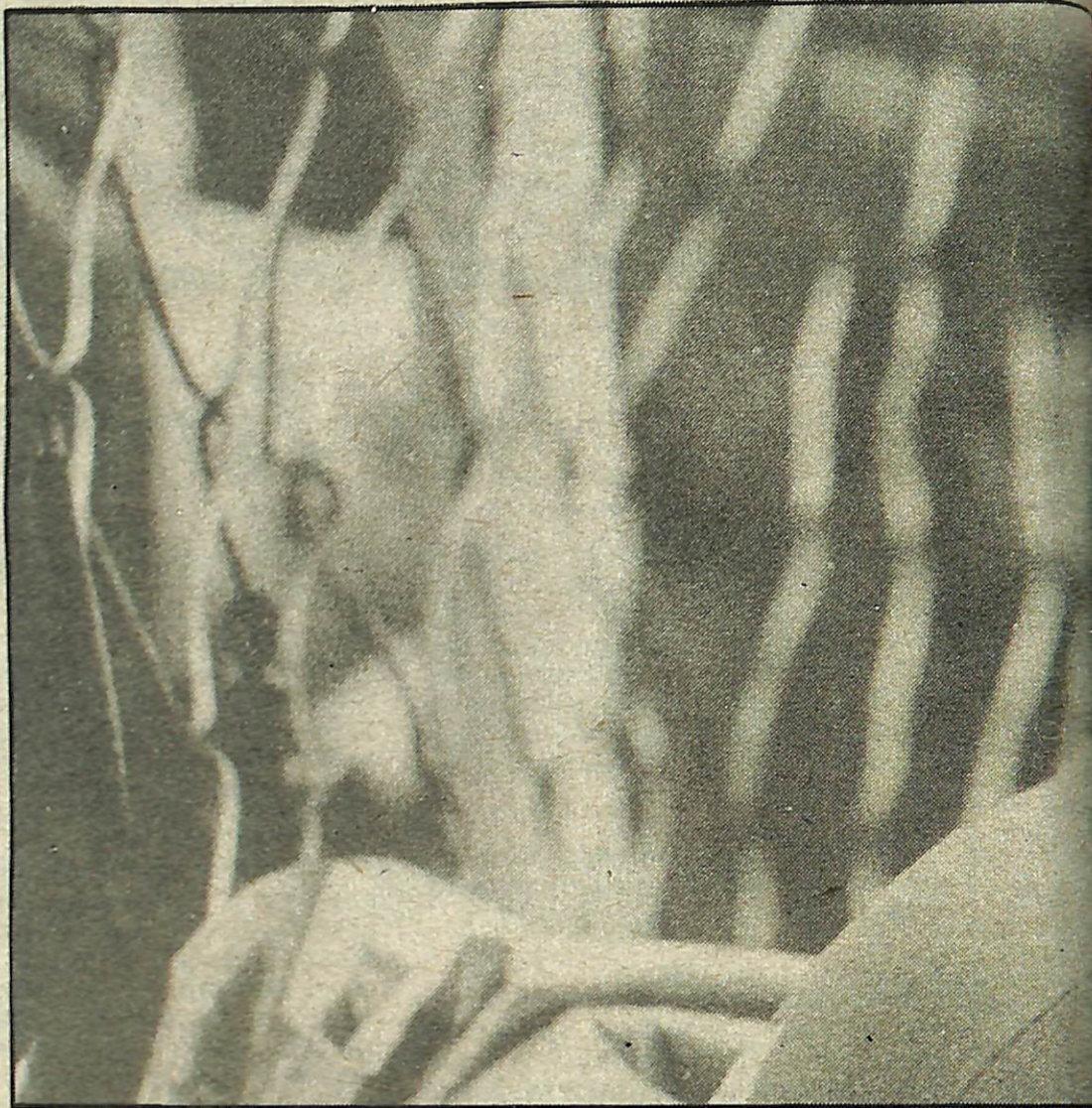
E qual é o time você colocaria em campo, com esse plantel que você tem?

— Temos quatro jogadores machucados, Carpinelli, Gelson, Maurílio e Pedro dias. Que time eu posso escolher? Esse mesmo, esse aí que está jogando. Nos treinos, vamos tentar dar maior agressividade ao ataque. Eu queria um ponta-esquerda de verdade. Tentamos o Pita, mas ele acabou preferindo ficar no Juventus, porque estuda em São Paulo, mora no alto da Moóca. Então o material que eu tenho é esse aí. O trabalho agora é achar uma fórmula melhor para torná-lo mais produtivo.

Roberto sai, vai se trocar, voltar para sua casa, no Tatuapé, para encontrar a família. Viaja todos os dias. Vai embora tentando deixar a impressão de que acredita no time, na classificação.

Amanhã ele vai voltar para correr, suar, gritar, xingar e ensinar. Roberto Belangero se esforça.

Sandro Vaia



Roberto: que time eu posso escolher? Esse mesmo, esse aí que está jogando.



Roberto: quase ponho os pulmões pra fora de tanto gritar: pra frente, pra frente.

Era um desses treinos de ataque contra defesa, terça-feira à tarde, no campo do Paulista. A chuva aumentava cada vez mais, mas o técnico Roberto não desistia: gritava principalmente com os jogadores do ataque, que raramente chegavam ao gol — nada de anormal para quem tem acompanhado os jogos do Paulista.

Alguns jogadores não participaram por estarem machucados — uma rotina no clube, segundo um dos pouquíssimos torcedores que raramente perde um treino ou jogo: — O Paulista é o time mais azarado que eu conheço. Quando não tem jogador machucado, tem um outro de casamento marcado. Casar no meio de um campeonato prejudica o time.

Enquanto ele falava, o lateral esquerdo Carpinelli passou mancando:

— Daqui a uns dez dias já vai dar para treinar. Machuquei naquele jogo contra a Ferroviária. No finzinho do jogo...

Chega alguém bastante ligado ao clube. E já chega reclamando:

o: vida ou morte.

o Roberto Belangero fala sobre o futuro do time. Que futuro?



As chances

Dos quatro times que disputam as duas vagas restantes no grupo A (até agora, só São Paulo e Portuguesa estão garantidos), a melhor situação é a do XV, terceiro colocado com 13 pontos perdidos, 11 gols a favor e 8 contra. A seguir vêm o São Bento (11 pontos ganhos, 15 perdidos, 8 gols a favor e 13 contra), o Comercial (9 ganhos, 17 perdidos, 9 gols a favor e 15 contra) e o Paulista (8 ganhos, 18 perdidos, 6 gols a favor e 15 contra).

O Paulista, apesar do último lugar da série, ainda tem chance, faz tres dos seus quatro jogos restantes em casa. Estes são os jogos que os quatro times ainda têm para fazer:

Paulista — XV (dia 13/6, em casa), Noroeste (20/6, em casa), São Bento (27/6, fora) e Comercial (4/7, em casa).

São Bento — Ferroviária (fora), Portuguesa Santista (em casa), Paulista (em casa) e Guarani (fora).

XV — Paulista (F), América (C), Marília (C), Noroeste (F) e Corinthians (C).

Comercial — Marília (F), Santos (C), Juventus (C) e Paulista (F).

Jogar completo Quando ninguém se machuca, ninguém resolve casar.



— Isso é uma vergonha. Ainda arrumaram aquilo ali (aponta para uma pequena construção inabitada, à esquerda das numeradas), o estéril que a Prefeitura começou a fazer. Prometeram fazer o estéril e aquela parte das arquibancadas ali, perto do placar. Tá abandonado. Um dia, é por que não tem pedreiro; outro, por que não tem material. Agora com o negócio de verba lá em Brasília, que não sai mais nada mesmo.

— Mas parece que foi assinado um convênio com a Faculdade de Educação Física, não foi? A Prefeitura...

— É isso, eles usariam o estádio em troca, a Prefeitura faria os melhoramentos. Mas o pessoal da faculdade não tem aparelho aqui não. Ficou elas por elas.

Oai a pouco, o assunto é outro: se o Paulista não se classifica? Isso, quem responde é o secretário Osmar Reis, um dos poucos que está sempre no estádio:

— Ai vai ser um problema. O estádio precisa da ajuda da torcida do comércio, da indústria,

mas desanima ficar falando sempre nisso. A solução seria uns quinhentos sócios pagando mil cruzeiros por mês, quinhentos, duzentos, sei lá. O que o clube tem para dar em troca? Nada, em matéria de recreação. É por isso que eu falo ajuda mesmo. Não é brincadeira manter tudo isso aqui com o pouco dinheiro que entra. Se desse ao menos para construir um conjunto recreativo... viver só de renda é que não dá.

Segundo os cálculos do secretário Osmar, o Paulista precisaria conseguir pelo menos 220 mil cruzeiros mensais, só com as rendas de seus jogos, para se manter sem prejuízos. Isso é o que mais parece estar preocupando a diretoria: se o Paulista não conseguir se classificar, vai ser difícil manter até mesmo o atual time-base — quanto mais fazer novas contratações para animar a torcida. (Gelson, por exemplo, deve ir para o Barretos, emprestado).

Além de pequenos lucros com

amistosos, o Paulista deverá ter outro, caso a difícil classificação não seja conseguida: é bem provável a venda de Bosco ao Londrina. O lateral-esquerdo Ferreira está de volta, depois de fazer testes no Santos; e Vaninho e Lázaro também devem voltar logo — foram emprestados ao Operário de Campo Grande.

Na terça-feira, quem esteve no estádio foi o ponta-esquerda Tota. Outro que volta ao Paulista?

— Não sei, ainda não sei. Vim aqui mais para visitar os amigos, não falei com nenhum diretor. Mas continuo batendo bola. Estive na Francana, agora voltei ao Barretos, onde comecei a jogar.

— Mas, se o Paulista se interessar, você volta para cá?

— Não sei, comprei um boteco lá em Barretos. Mas a gente gosta de futebol. Parar mesmo, só quando eu ficar bem velho ou se ganhar na loteria, como o Colombo, aquele que também jogou aqui. Lembra dele? Ganhou duas vezes na loteria. Deu para comprar uma casinha.

Ademir Fernandes

SENADORES DA ARENA APROVAM NOSSO CAOS: 415 MILHÕES

O processo da Prefeitura Municipal de Jundiá, solicitando autorização para contrair mais empréstimos no montante de Cr\$ 228 milhões, foi duramente criticado pelos senadores Franco Montoro (MDB - SP), Orestes Quércia (MDB - SP) e Roberto Saturnino (MDB - RJ), que o classificaram de "escandaloso" e "fraudulento".

Conforme o senador Franco Montoro fez questão de salientar, o limite de endividamento dos municípios, fixado pelo próprio Senado em sua resolução 62/75, é de 70% da receita arrecadada no exercício anterior. Ora, a receita de Jundiá, em 1975, foi de cerca de Cr\$ 100 milhões, o que deveria limitar o total de dívida a cerca de Cr\$ 70 milhões. No entanto, o município já deve Cr\$ 187 milhões. Com mais Cr\$ 228 milhões, esse montante sobe para Cr\$ 415 milhões.

Em face dessa situação, o senador Franco Montoro solicitou que o processo retornasse ao Banco Central para informar se tal endividamento não "traria o caos econômico ao município".

RECORDE DE VELOCIDADE

Num estranho recorde de velocidade, segundo a própria observação do senador Franco Montoro, em menos de 6 horas o processo percorreu a burocracia do Banco Central, do Conselho Monetário Nacional, do Ministério da Fazenda e do Gabinete Civil da Presidência da República, voltando à presidência do Senado que convocou às pressas, na tarde do dia 26, uma reunião da Comissão de Economia para examinar o assunto.

A Comissão se reuniu por volta das 18 horas e a sessão foi das mais acaloradas, estendendo-se por cerca de 3 horas. Os senadores Franco Montoro, Orestes Quércia e Roberto Saturnino, insistiram na afirmação de que o montante pretendido de dívida, superior a Cr\$ 400 milhões, era inviável para a economia do município. O senador Saturnino alegou que só a correção monetária já é superior a Cr\$ 120 milhões por ano, o que demonstra o absurdo da situação, lembrando que a receita total do município, no ano passado, foi de Cr\$ 100 milhões. O senador Franco Montoro lembrou ainda o caso das desapropriações realizadas pela Prefeitura de Jun-

diá, ainda não liquidados e que representam mais um compromisso, cujo montante deve ser bastante alto, e que deve ser acrescentado às outras dívidas.

FALANDO PARA NINGUÉM

Todos estes argumentos era refutados pela bancada arenista, sob o comando do senador Rui Santos (Arena - BA)

Segundo eles, os municípios paulistas são muito ricos e têm condições para assumir grandes empréstimos. Além disso, consideravam também que os recursos solicitados pelo prefeito Ibis Cruz para as marginais dos rios Guapeva e Jundiá tinham a finalidade diminuir a mortalidade infantil na cidade, e portanto o Senado não podia negá-los.

O senador Franco Montoro retrucou que o pretexto da mortalidade infantil, trazido pelo prefeito de Jundiá, era "poeira nos olhos", pois o que se pretendia era realizar obras do Sistema Viário, cuja urgência ou prioridade não justificariam tamanha excepcionalidade. Informou ainda que tinha convocado os representantes da Associação dos Engenheiros de Jundiá, para prestar esclarecimentos sobre o assunto. Estando aqueles representantes presentes à reunião, e também o prefeito Ibis Cruz, propôs que fossem ouvidos pelos senadores, para maiores explicações quanto à aplicação dos financiamentos pedidos e quanto às dívidas da Prefeitura de Jundiá. A bancada arenista rejeitou tal proposição, menos o senador Jarbas Passarinho, que opinou sobre o interesse em se obterem tais esclarecimentos.

Apesar de todas as críticas e das exigências de maiores informações que permitissem julgar o caso em profundidade, a bancada da Arena votou pela aprovação dos empréstimos solicitados pela Prefeitura de Jundiá. O senador Jarbas Passarinho foi o único da Arena a votar em separado, apoiando a bancada na aprovação do empréstimo, mas admitindo que o assunto não estava devidamente esclarecido, deixando margem às dúvidas.

Os senadores emedebistas fizeram questão de ressaltar a responsabilidade que os senadores arenistas estavam assumindo ao aprovar um projeto escandaloso e absurdo, num

descaso completo quanto à importante função do Senado de zelar pela boa aplicação do dinheiro público.

ESTAVA DECRETADA A FALÊNCIA

Se a reunião da Comissão teve momentos dramáticos, especialmente pela atuação dos senadores emedebistas em favor de Jundiá, contra o empréstimo, no dia seguinte a sessão plenária foi uma das mais acaloradas que o Senado já teve.

Durante mais de 3 horas, Franco Montoro, Orestes Quércia, Roberto Saturnino e Dirceu Cardoso, usaram de todos os recursos para evitar a aprovação do projeto, considerado danoso para o povo de Jundiá.

Depois de repetir todos os argumentos usados diante da Comissão de Economia, Franco Montoro leu o Diário Oficial do Estado de São Paulo (31.3175), que trazia um pedido de ajuda do Governo Estadual para a execução de obras de saneamento - essas mesmas apresentadas pelo prefeito Ibis Cruz como pretexto para conseguir os Cr\$ 228,5 milhões. Esse pedido, de autoria do deputado Jayro Maltoni, obteve do prefeito, na ocasião, a seguinte resposta: Jundiá não precisava mais de infraestrutura.

Por sua vez, Roberto Saturnino, falando como economista e engenheiro, interpelou seus pares nos seguintes termos: "Qual dos senhores, se dirigisse uma empresa cujo faturamento anual fosse Cr\$ 109 milhões, se arriscaria a endividá-la em Cr\$ 415 milhões?", pretendendo, com esse exemplo, caracterizar o prenúncio de falência que ameaçará Jundiá nos próximos anos.

O mais patético dos pronunciamentos foi, porém, o do senador Orestes Quércia, que bradou: "Tomara que o MDB perca as eleições em Jundiá". E diante do espanto de toda a Casa, concluiu: "Porque serão malditos todos os prefeitos que se seguirem ao atual, durante muitas gestões". Ao falar Quércia voltou seus olhos e dirigiu a palavra ao prefeito Ibis Cruz, que assistia à sessão acompanhado do seu candidato Arnaldo Reis e do assessor Fernando Bárrios Cury, testemunhas e agentes do mais rápido processo de análise, julgamento e aprovação de um projeto, jamais ocorrido em Brasília.

De nada adiantaram os esforços dos senadores emedebistas: chegara a hora da votação, certa, fatal, pressentida.

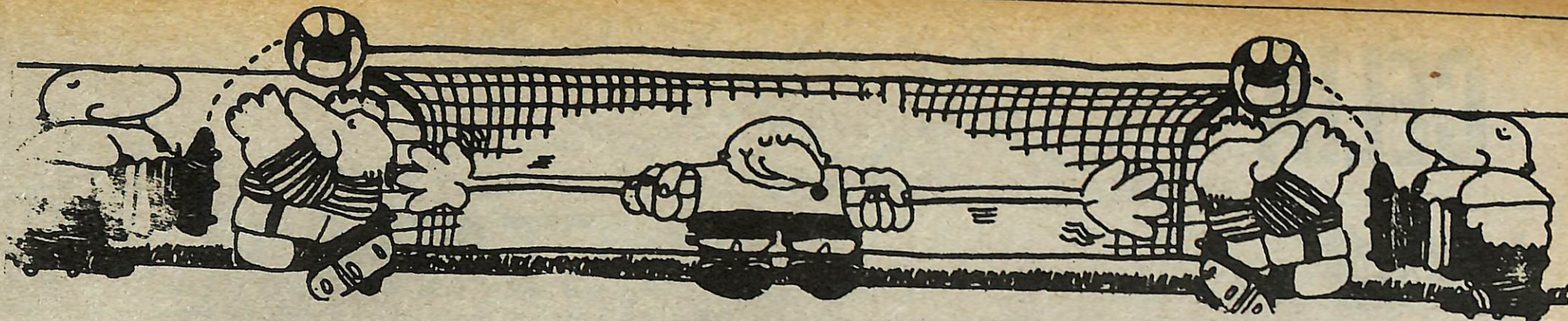
Numa última tentativa, o MDB abandonou o plenário, esperando que essa atitude redundasse na falta de quorum para aprovação. Todavia, o placar eletrônico anunciava número suficiente da maioria arenista. Resultado: os Cr\$ 228,5 milhões foram consumidos, através do score de 32 a 1.

O único voto contra foi o do senador Franco Montoro, que permaneceu no plenário. Jundiá perdia mais uma luta.



LAGO AZUL
RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA * MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72



EDER BATE PARA VALER

É como se toda uma geração de Jofres e Zumbanos, uma dinastia do boxe se unisse e possuindo o corpo de Eder, clamasse por vingança. Uma geração inconformada com a maneira com que Eder perdeu o título mundial dos penas, ocorrida com a briga entre empresários nos bastidores do boxe.

— Do jeito que eu me sinto, enfrento até dois de uma vez.

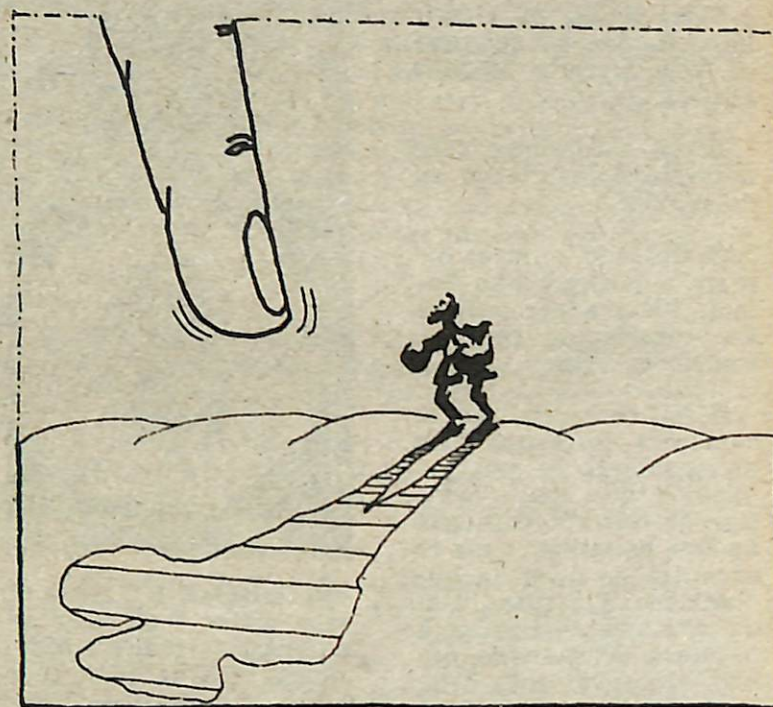
Quando Eder faz declarações com essa é que se nota — basta prestar um pouco mais de atenção e observar bem seus olhos, de um brilho fora do comum — que ele não está só.

Eder Jofre, um fenômeno raro, um homem de 40 anos a quem a Biologia dá 30 e que treina e luta como se tivesse 20. Quem viu sua luta em Brasília contra o campeão francês dos penas, Michel Lefebvre não teve dúvidas em dizer que o francês era fraco, por ter aguentado apenas seis minutos e quarenta segundos. Mas, não seria Eder o maior responsável pelo insucesso do francês?

Nos primeiros segundos da luta Eder deixou a impressão de ser um poderoso touro Miura enfrentando a um frágil e débil toureiro. Como seu adversário anterior, o italiano Enzo Farinelli, Lefebvre só tinha uma coisa em

mente: fugir de qualquer maneira dos poderosos golpes de esquerda no fígado. Afinal, essa era a principal arma de Eder. Era. Por isso, os dois acabaram perdendo a luta golpeados com a direita, agora mais forte e poderosa que a esquerda. Mais um fenômeno inexplicável em Eder.

E mais do que nunca em Brasília, Eder deixou transparecer sua fúria. Por duas vezes mesmo estando seu adversário grogue, ele tentou prosseguir a luta, os músculos do rosto contraídos, uma expressão fora do normal dos olhos. Foi preciso que o juiz Clóvis Cataldi se esforçasse ao máximo enla-



çando Eder com seus braços para que ele parasse.

— E, estou batendo prá valer, dizia Eder depois da luta, para que meus próximos adversários percebam o que vão encontrar pela frente.

Na verdade, antes da lu-

ta, Eder não tinha tanta certeza de que tudo estaria terminado no terceiro assalto. Ele fizera seu plano de luta pensando em se esforçar mais somente depois do quinto assalto.

Mas antes, a geração de Jofres e Zumbanos se apossou de Eder.





**CONSTRUTORA
JUNDIAÍ LTDA.**
r. Siqueira de Moraes, n.º 578
8º andar - conjunto 801 - C



**VERMUTE PAIZANO,
CONHAQUE CHAPINHA E
VINHO FLOR DO RIO GRANDE
O Trio mais quente do Brasil.**

**PASSARIN S.A.
INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE BEBIDAS E CONEXOS**

SUPERMERCADO ELIAS



ONDE
OS
PREÇOS
SÃO
SEMPRE
OFERTAS

R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 - FONE: 4-1775
ESTACIONAMENTO PRÓPRIO

CÉLIA

LIVRO

..Vidas Secas, de Graciliano Ramos, foi relançada pela Livraria Martins Editora.

Trata-se de uma visão nordestina do inferno ou do paraíso.

Comparado a outros romances de Graciliano Ramos, *Vidas Secas* poderia ser considerado como a sua obra poética.

O seu conteúdo, são as condições infra-humanas de existência, de um pequeno grupo, que, nesta fase da história, consegue apenas pressentir que se encontra no nível da humanidade. Criaturas ainda diretamente ligadas à natureza, dependendo, por isso, exclusivamente dela. De fato, a natureza não é apenas o primeiro e o mais importante elemento de seu universo: é todo o

O SOM DO PASQUIM reúne doze das mais famosas entrevistas que aquele desvalhado semanário fez e publicou, ao longo de seus atribulados quatro ou cinco anos de existência.

O livro, que consta entre os mais vendidos no Brasil, atualmente, é o n.º 6 da Coleção Edições do Pasquim.

A edição geral é de Jaguar. A do texto, Tárk de Souza.

As ilustrações e traços são de Nássara.

Os entrevistados são, pela ordem do volume, os seguintes astros de nossa música popular brasileira: Waldick Soriano, também conhecido como o "Frank Sinatra do Nordeste"; Maria Bethânia, o saudoso Lupicínio Rodrigues, em memória do qual esse livro é dedicado; Antonio Carlos Jobim; Luiz Gonzaga; Caetano Veloso; Martinho da Vila; Angela Maria; Roberto Carlos; Moreira da Silva, o Morengória; Raul Seixas, e Aguinaldo Thomé.

Nessas entrevistas, feitas com perguntas marotíssimas que o leitor já



seu universo. É a fonte de seus males e de suas esperanças — males e esperanças cíclicos, como tudo o que é da natureza. É o seu primeiro deus caprichoso, que lhes lança a maldição ou a benção,



conhece, há uma cozinha (gíria do meio artístico), onde há fofocas, puxação de tapete, de saco (e como, pô!!!), pixação, dedação, lamúrias, lágrimas, risos, alegrias e outras mumunhas que fazem parte dos meios artísticos.

A entrevista de Chico

Buarque de Hollanda como não poderia deixar de ser, é um show de inteligência, simpatia, talento e humildade.

Quanto a Waldick Soriano, ele, dizem as gravadoras, "é um cantor que estoura no Nordeste". Pena que aqui no Sul só

conforme designios inescrutáveis, colocando-se muito acima de seu entendimento.

E, nesses indivíduos que parecem estar, ainda, atravessando o fosso existente entre natureza e cultura, que enorme pureza inconsciente!

.. *Vidas Secas*, põe, em termos realmente secos, não só as relações de seus personagens com uma terra de impie estia-gens, como oém, por deficiência comunicação simbólica relações deles entre si.

Como toda obra de Graciliano Ramos, *Vidas Secas* é um romance que merece ser lido ou relido.

A venda na Livraria Anhanguera, desta cidade, pelo preço de Cr\$ 30,00.

consiga esturar a paciência da gente. Enfim, há quem goste.

A entrevista com Caetano Veloso está muito boa, a de Roberto Carlos nem tanto. Contudo, dá para aquilatar o seu nível cultural ("eu não gosto de ler — disse ele — aliás, o único livro que eu li até hoje, foi Fernando Cape-lo Gaiivota") do que se conclui que sua poesia é primitiva-intuitiva, o que não é pouca coisa, convenhamos.

No mais, Angela Maria, a que não dá sorte no amor, pois "só encontra gigolôs"; Cláudia Barroso, que, diga-se de passagem, "gigolete da cafonália da qual vive. E mata (quem ouve).

O Som do Pasquim contém, ainda, muitas outras entrevistas com "os mais famosos astros de nossa constelação musical", com dizem os locutores que merecem (pela frase) pena de morte.

Prá quem curte, semanalmente o seu Pasca, o livro é uma tremenda zorra, custa 20 mangos e pode ser encontrado nas bancas de jornais. É um dos 10 mais vendidos nestas últimas semanas;

TEATRO

Trata-se da primeira peça teatral escrita por Tennessee Williams, um dos maiores dramaturgos do Sul dos Estados Unidos.

Traduzida e dirigida dirigida por Flávio Rangel, "The Glass Menagerie" — título original da peça *A Margem da Vida* — essa famosa obra de Tennessee Williams é, mercedemente, considerada como um dos maiores clássicos da dramaturgia norte-americana, e é, também uma das mais encenadas naquele país.

A Margem da Vida, que Flávio Rangel traduziu e dirigiu, é a primeira peça escrita por Tennessee Williams, tratando-se de sua auto-biografia, fato que explica ser essa uma obra diferente de todas as outras por ele escritas posteriormente. Com efeito, *A Margem da Vida*, é a peça de Tennessee Williams, entre todas, a que tem os personagens mais marcantes, mais desenhados, carregados mais na tinta, e, dotados de maior força.

E, contudo, *A Margem da Vida* tem um texto que conserva a principal e mais famosa característica do autor: uma grande carga poética.

Está sendo mostrada no Estúdio São Pedro, na capital paulista, com cenários de Túlio Costa, figurinos de Flávio Phebo, uma maravilhosa projeção de "slides" ilustrando o texto, e, além de tudo, uma trilha sonora feita por Charlie Chaplin.

Fazem parte do elenco, **Beátriz Segall**, vivendo o papel de **Amanda** (a mãe); **Edwin Luisi**, como **Thomaz** (o filho); **Ariclé Perez**, fazendo a **Laura** (a filha); e **Fernando de Almeida**, que atua no papel de **Jim**, único amigo de **Thomaz**.

Amanda, Thomaz, Laura e Jim são personagens que conviveram com autor quando jovem, ao tempo da depressão, por volta de 1929, quando os EEEE. viveram os seus piores dias.

A classe média mais abastada, a que que pertencia o autor, devido à crise inflacionária que envolveu todo o país, ficou completamente desnorteada, perplexa, sem a mínima condição e sem o menor preparo educacional, moral e psicológica, para assumir uma nova e humilhante sócio-econômico. E, então, apelava para as lembranças como escapes ou subterfúgios, construindo um mundo de

sonhos, absolutamente fora da realidade, um mundo mitológico, imaginário, onde viviam — ou sobreviviam à margem da realidade.

Tennessee Williams, em *A Margem da Vida*, consegue de modo magistral, mostrar, com seu texto extremamente bem elaborado, a comovente tragédia de uma mãe e seus dois filhos (uma moça e um rapaz), vivendo esse clima de decadência num modesto apartamento — uma espécie de sótão, onde **Amanda** (a mãe), mulher prepotente, possessiva, relutava em aceitar a nova realidade vigente no país e nos lares dos americanos.

Dessa forma, **Amanda** consegue construir e impor aos seus dois filhos um mundo falso, e, com isso, destruí-los.

Suas exaustivas e obsessivas evocações de um passado maravilhoso, alegre e despreocupado, suas projeções de fantasias que ela vai sempre, de modo tortocrante, impingindo aos dois jovens, acaba por destruí-los, sucumbidos sob o peso de sua terrível prepotência;

Thomaz, o rapaz, é um poeta frustrado que sofre a humilhação de exercer o ofício manual de sapateiro. **Laura**, sua jovem irmã, é uma figura fragilíssima, sensível, e, "portadora de um leve defeito físico", que cria para si mesma um mundo todo particular e indevassável, povoado tão somente de sua coleção de bichinhos de vidro, no qual se isola, fazendo de "the glass menagerie", sua única realidade, seu único ponto de contacto com o mundo.

Quanto a **Jim**, o amigo de **Thomaz**, é o protótipo do americano da classe média na sua idade: trabalha durante o dia e, à noite, frequenta uma escola. Absolutamente normal — que é a verdadeira e correta forma como dever ser encarado — **Jim** só poderá ser visto como anormal em função do contexto dessa história de uma beleza indizível.

É precisamente **Jim**, o personagem entre todos os outros que fazem parte dessa história, que tem a vida e a juventude mais parecidas com a vida e a juventude de Tennessee Williams.

Tom é grandioso, adorável, apaixonante, inesquecível, sendo um dos personagens mais fascinantes de toda a dramaturgia mundial.

Tal e qual seu autor.

Décio



LEIA E ASSINE O JORNAL DE 2ª DISQUE 4.2759

PESSOAS:

Carlinhos Pierobon



Tita Aprilanti



Luzia Myrna Chaves Fioravante

Não estava na dele: o mirabolante Nei Matogrosso foi mostrado "a cores" pela tv, numa anteestréia do seu novo show sem os chifres e as peles, a cara limpa e vestindo um terno "anos trinta", cantando um samba-canção. A apresentação resultou num comportamento forçado, físico e voz adulterados.

Luzia Myrna Chaves Fioravante, a nova estrela de nossa sociedade, filha do músico Mario Chaves e casada com Arnaud Fioravante, cap das Faculdades Metropolitanas Unidas, trouxe à cidade um estilo novo de viver intensamente o colunismo, participando de promoções até então tabu, para nossas chiques, como recentemente em programas hípicos, no comentado concurso de Miss Jundiá e Feira da Amizade, trabalhando onde outros silenciam ou criticam.

Os dois pesados aumentos ao nosso cafezinho de todas as horas, não só começa a criar entre os brasileiros o hábito tranquilo do chá, como também à grande cadeia de super-mercados norte-americanos "Kings", em suas investidas publicitárias tem aconselhado o povo às delícias de um reconfortante "cup of tea".

Tita Aprilanti, a suave, diplomada em Artes pela tra-

dicional FAAP em SP, acontece sempre: Hippopotamus ou Zetiserve, nos desencontros da moda, veste-se clássico, viaja sempre, preferindo o mar de Búzios e Ubatuba, prepara-se para viagem à Austrália.

O garoto Zico, camisa 10, Flamengo, artista de "Globo Reporter", ás de múltiplas peladas, pode ser o mais novo astro da propaganda brasileira, dependendo de detalhes (\$). Propaganda esta que já transformou muita gente boa em astros e estrelas de luz efêmera.

Nossa movie star cabocla, se bem que naturalizada italiana, a bela Florinda Bolkan, aparece novamente em nossas telas, estrelando um filme fraco, válido apenas pela cearense. O enredo é sobre as Cruzadas e conta a história de "Flávia, a freira muçulmana".

Depois da bem sucedida "excursão" jundiáense ao Beco (casa paulistana de shows), esperam os mais afoitos que logo apareçam promoções iguais, só que desta vez ao Hippopotamus de Ricardo Amaral e ao suprasumo do society brasileiro, a casa de Regine, no Meridim-Rio, com uma paradinha antes no Concorde/Special.

A germano-brasileira Silvia Sommerlath, futura rainha, aparece ao lado de seu rei Carlos Gustavo XVI em selo comemorativo sueco, para festejar filatelicamente o casamento real, que se realizará no dia 19 de junho, a todas uma esperança: príncipe encantado existe.

Ouvir Ella Fitzgerald ou Pink Floyd num quadrafônico é sensação para poucos, devido à complexidade de equipamentos. O engenheiro Rubens Camargo de Andrade, possui um dos mais completos e perfeitos conjuntos, inclusive em sala especialmene projetada para o perfeito deleite da boa música.

Desaparece no Rio, Dona Maria Cecília Fontes, representante de uma época de requinte máximo da sociedade brasileira, em sua famosa Casa Grande da Gávea Pequena recebeu entre outros os presidentes Truman e Roosevelt dos EUA, é sua sobrinha a grande "dame" do ballet Margot Fonteyn.

Os Estados Unidos para comemorarem seu bicentenário de independência, apresentam em SP as mais expressivas artes e representações da época de Jefferson: conjuntos de jazz, comédias, danças e em especial, no Pavilhão da Bienal, recriação de ambientes significativos aos 200 anos.

No início dos anos setenta, Paulo Mendes Campos dava um conselho a Daniel Mús, então iniciante no jornalismo social: "Colunismo é fogo", e melhor que ninguém o irreverente cronista dos grandes personagens e das grandes famílias tem sabido quão verdadeiras foram as palavras do poeta.

Jundiá: onde se pode andar pela Barão e Rosário sem problemas de ver ou ser visto (embora sempre se vê, é visto ou sabe-se), é outra, já é poluída (sinal de progresso?) e expande-se pelos morros outrora verdejantes e por avenidas luxuriantes e como boa interiorana construiu-se na glória de suas grandes famílias, nas indústrias e em seu colunismo, afinal sem o qual não se saberia — quem são os mais elegantes?

Foram bons tempos (não tão longínquos) em que Horta Macedo dava seu recado, a adorável Chãins Duarte criava uma nova mentalidade social em toda cidade, e Mariazinha Congiglio, escritora, conhecida de todos, prestigiava artistas e lhe conferia o famoso troféu "Coringa".

Hoje vivem distantes das colunas que lhe deram fama, porém permanecem escola a todos aparecidos e desaparecidos.

Era a época de ouro do Jundiáense (o Clube), onde encontrava-se o jet caboclo, deslumbrando com mil Bailes de Debutantes, Bailes do Algodão (então em voga) e Glamour's Girls onde as "girls" desfiliavam por sobre pontes, saíam de casulos que se abriam para os aplausos dos papais, títiós e das amiguinhas...

Ai, surgiram grupos que se dividiram em Vip's, Top's e Rotaract, que deram em nada, pois afinal todos eram amigos.

Mas tudo passou, como passaram também "Festas das Nações", "Times Square" e os famosos Bailes das Dez Mais...

E em tempos menos remotos, ainda quentes (e bem quentes, diga-se), o irrequieto, dinâmico e educado Sergio Bocchino teve sua época relâmpago e deu início a "Era de Aquário" em Jundiá. Acordava-se, lia-se a coluna e nada mais poderia acontecer, dizem até que muita coisa deixou de existir com o encerramento de sua coluna.

Hoje, Sergio vive tranquilo em S.P., vivendo como sempre quis e escreveu, junto de Tavares de Miranda em sua coluna social-religiosa.

Enfim, a turma casou-se, todo mundo cansou e o pessoal está em outra, hoje colunismo-social já era. Visto que os grandes dividiram-se com política, economia, artes e sociais, cabendo a este último a menor fatia do bolo; misturando tudo o que as pessoas possam curtir, inclusive elas próprias.

Foram os costumes que mudaram, como as curas e as colunas tiveram que mudar. Hoje não é mais quem é quem e sim quem é o quê?

E nestas décadas de colunismo (sendo impossível citar todos) e mudanças, ao nome da inesquecível Munira Gebran, a primeira colunista social de Jundiá, às nossas saudades.



Chãins Duarte conta: o dinamismo de imprensa do extinto "O Jundiáense" causou mudanças de

hábitos sociais na cidade: Lady's, jantares, cadeia de corações, Dez mais, Zé Porunga, etc, nasceram de suas colunas

O AUTOR

Carlinhos Pierobon, autor da seção "Pessoas", que o Jornal de 2a. passa a publicar periodicamente, a partir deste número, é um jovem economista, artista plástico e, principalmente, um interessado observador e participante da vida na cidade. Aceitou o convite para fazer

esta coluna, desde que o jornal acatasse a premissa básica do que o colunismo social no velho estilo está morto, como ele explica em seu artigo de apresentação. Apreciador de fotografia, música brasileira e jazz, confessa que, ao lado do Rio e Salvador da Bahia, coloca Jundiá entre as suas cidades

prediletas, "por incrível que pareça". E ao recusar-se a fornecer informações mais detalhadas sobre si próprio. Carlinhos Pierobon esta apenas sendo fiel a uma premissa básica do jornalismo, nem sempre observada: o jornalista deve ser autor, nunca personagem. (Jornal de 2a.)

**LEIA e
ASSINE O
JORNAL
de 2ª**

FONE: 6 2759

**XEROX
também
é com o
FOTO
ZEZINHO**
ROSARIO, 523 - FONE 6 3745

**Escritório
de
Advocacia**

dr. ademercio
lourenço
dr. alcimar a.
de almeida
dr. francisco
v. rossi

RUA SIQUEIRA DE
MORAIS 578 1º ANDAR
EDIFÍCIO MARIJU

ADVOCACIA

Dr. André Benassi
Dr. Randal J. Garcia

ESCRITÓRIO

RUA BARÃO 873
TELEFONE 43899

JUNDIAÍ-SP

PALAVRAS

"Era uma vez um competente advogado da Capital, que aceita impetrar, em nome de uma cliente, também da Capital, um mandado de segurança contra ato de certa autoridade pública de Jundiaí. (...) Quem reivindica para si os louros da vitória? O advogado de São Paulo, que preparou tudo, que estudou o caso, que arrasou (sic) e ajuizou? Não, não, não... errado, minha senhora. Quem saiu alardeando vitória foi exatamente o infável coleguinha aqui da terra, através de certa imprensa que lhe dá cobertura (...)" *Sylas Maré, coluna "Nota Zero, JC - jornal do dr. Maryssael."*

"O importante não é o relógio — são as horas". *(Millor Fernandes, livro "Tempo e Contratempo")*

"Tudo não passa de um problema político surgido porque a cidade está com a Arena e esta vencerá as eleições de novembro próximo". *(Prefeito Ibis, em entrevista ao jornal carioca O Globo)*

"Quando uma causa é justa, ela cresce espontaneamente, deita raízes e multiplica seus frutos". *(Luiz Carlos Lisboa, Jornal da Tarde de 25/5)*

"Detesto os que tapeiam, os que brincam de cobra-cega com a vida". *(Irbu, JJ de 22/5)*

"Esta aquisição de carros-tanques é mais um esforço da administração Ibis Pereira Mauro da Cruz, no sentido de amenizar o problemas nos bairros onde as obras do DAE deverão chegar nos próximos meses". *(Publicado nos dois jornais diários, dia 22/5)*

"Para expansão de suas alegrias, solte fogos". *(De um anúncio publicado no JC de 22/5)*

"Venha caminhar conosco sobre os trilhos do progresso, inscrevendo-se no concurso para ajudante de maquinista". *(De um anúncio da Fepasa, publicado no JC de 23/5)*

"Sou completamente assumida. Sei o que sou. E não admito que queiram fazer de mim uma espécie de pária da sociedade. Sempre foi assim, desde criança. Fui sempre atrevida". *(Rogéria, travesti)*

"Um dia, você, cansado dessa vida errada, será tomado de pânico ao defrontar-se com o espelho". *De um artigo sobre o vício, publicado no jornal "A Razão", do Centro Redentor do Racionalismo Cristão)*

"O homem tem que mudar sua filosofia de vida para viver uma vida de menos tensões. O negócio não é ganhar dinheiro em tres anos e morrer em cinco, mas ganhar em 20 e morrer em 40". *(Stans Murad, cardiologista)*

"Um Dia de Cão", cartaz em São Paulo, é a próxima estréia do Cine Marabá, dia 27. E garantida a presença de Al Pacino". *(JJ, 23/3)*

"Calçado estrangeiro conquista mercado americano". *(O Globo)*

"Vereadores poderão usar o mesmo número". *(JC)*

"Toda vez que a cidade abre uma avenida, que ela canaliza um córrego, ela faz um processo que cria uma certa reação da população, porque desapropriamos casebres, casas pobres e expulsamos à medida que criamos urbanização correta. Realmente, isto é um ônus do processo. Não podemos fazer omelete sem quebrar ovos". *(Olavo Setúbal, prefeito da Capital)*

"E o povo que se cuide e reze. Na hora dolorosa da provação, muitas vezes a reza consegue operar milagres..." *(Antonio Machado Sant Anna, JJ de 22/5)*

"Dada como certa a presença de um ex- investigador de policia como candidato a vereador pela sublegenda emedebista, que lançará o publicitário Erazé Martinho à Chefia do Executivo. Trata-se do jovem Aurélio Santucci, hoje advogado bastante conhecido na cidade e de idéias bastante coincidentes com as do publicitário". *Candidato de Castela, Jornal da Cidade-página "Chalça", 23-5-76)*

"Meu voto, dou-o por antecipação: o Erazé fica bem de qualquer jeito". *(Jean-Paul, Jornal da Cidade, mesma página, mesmo dia)*



Garrancho foi um grande futebolista que corria torto por linhas certas.

Homônimo é uma substância produzida por uma glândula do mesmo nome.

Conciliábulo é o lugar onde os bispos guardam seus cavalos, durante as reuniões ecumênicas.

Ambíguo é um órgão do corpo humano que possui duas funções muito bem definidas.

Cumbuca é uma espécie de macaco que mete a mão em velhos.

Levianos são boxeadores da pior categoria.

Vácuo é um mamífero ruminante de quem o homem não extrai nada.

Biga era uma espécie de combate infantil da Antiguidade.

Tarântula é uma dança popular das matas sicilianas.

Fantasia é uma acidez estomacal provocada por refrigerantes de laranja.

Cabotino é um soldado raso muito pretencioso.

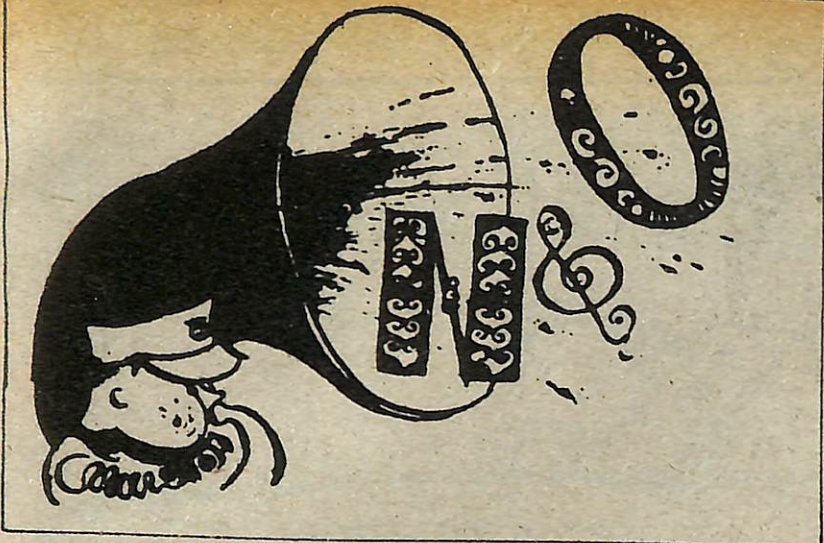
Paganini ficou famoso por recusar o batismo.

Catapora é uma doença que ataca os romeiros.

Batistério foi o primeiro pagão a converter-se ao cristianismo.

"Primo inter pares" é uma espécie de par-ou-ímpar jogado pelos romanos.

Barcelona é o mesmo que "mulherão", em espanhol.



ATENÇÃO POETAS DE JUNDIAÍ

A Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí vai realizar o "Concurso de Poesia Academia". As inscrições já estão abertas e vão encerrar no próximo dia 6. Os trabalhos deverão ser enviados para rua Barão de Jundiaí, 403, e rua Frei Caneca, 476, em quatro vias assinadas com pseudônimo e num envelope lacrado a identificação completa. Os concorrentes deverão ter no mínimo 12 anos.

ISSIS ESTÁ EXPONDO

Apesar de serem poucas as pessoas ligadas diretamente à arte em nossa cidade, vez ou outra, elas dão mostras de vida. Desta vez, o pintor Issis Martins Roda expõe 20 telas no Gabinete de Leitura "Rui Barbosa". Essa individual foi inaugurada na última sexta-feira, devendo ficar à disposição do público até sábado, dia 5.

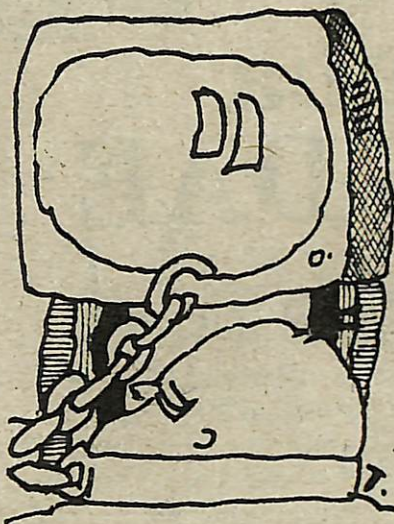
ISSIS

Issis começou a participar do movimento artístico em Jundiaí por volta de 1969, ocasião em que se ligou ao Grupo Avanço. Este, reuniu João Borin e Beto Cecchi, entre outros, que estavam sem poder tomar parte do grupo de arte do Gabinete, único movimento da cidade na época. Logo após esse período que o iniciou, Issis passou a ter uma atividade mais intensa, resultando em sua inclusão em 18 mostras coletivas em várias cidades do Estado. Além disso, teve duas individuais em 1974, na Galeria Solar D. João VI, em São Paulo, e no Museu Histórico e Cultural de Jundiaí. Nesse ano, predominava o estilo bizantino em suas pinturas, todas elaboradas com uma técnica muito pessoal, fruto de suas pesquisas. Depois veio o que alguns consideraram surrealismo, mas na verdade era um estilo muito particular desvinculado de qualquer escola, mesmo porque Issis é uma autodidata que exprime sensações da forma que melhor sabe fazer.

UMA INFÂNCIA QUE OLHA EM FRENTE.

Lá fora, um céu azul e um sol de 11 horas, lindos. Lá dentro, os garotinhos assistindo desenhos animados lindamente coloridos, na programação matutina da tevê.

Ninguém segura a infância do Brasil. (E.M.)



A CARNE É FRACA

O DIPOA - Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal - apreendeu até terça-feira da semana passada quase 100 toneladas de carne. Procedentes do matadouro Socorro, a carga foi interceptada na rodovia Marechal Rondon e iria ser vendida em São Paulo.

A região está sob a jurisdição do DIPOA de Jundiaí, que tem sede no Frigorífico Guapeva, e não é permitida a venda de carne que não venha de estabelecimentos que sofram inspeção federal. Esta a razão da apreensão da mercadoria, que foi transformada em farinha de carne e sebo industrial, o que não aconteceria se fosse destinado a áreas não federalizadas.

Um dos grandes problemas da região é justamente o fato de muitos açougues venderem carnes de origem clandestina. Além de ser uma concorrência desonesta, pois o processo de abate é mais caro onde se faz de acordo com as normas do DIPOA, o produto pode estar contaminado por doenças transmissíveis ao homem.

UMA DESSAS, MATHEUS, É LAMENTÁVEL!

Na mesa-redonda dos cartolas do futebol paulista, dias atrás no **Jornal da Tarde**, o presidente do Corinthians, Vicente Matheus, olhava curioso para uma silenciosa jovem que fazia alguns rabiscos, sentada ao seu lado.

De repente, resolveu chamar a atenção da moça:

—Mas você é muito tímida para ser repórter. Todos estão fazendo perguntas e você fica aí sem falar nada? Faça ao menos uma perguntinha...

Matheus atrapalhou o trabalho da jovem. Era uma taquígrafa. (Dinoel)

OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

CENTRO: — Área de 1200 metros quadrados + ou -, local excelente para prédio de apartamentos ou salas para escritório, próximo ao Fórum. Preço: — Cr\$ 1.500,00 o m², estuda-se algumas facilidades.
Oferta: Recreio Lar.

JARDIM CICA — (parte alta) com living, lavabo, copa-cozinha, 3 dormitórios c/ arm. carpetados (1 suite) e mais 1 bath., área de serviço, abrigo p/ 2 carros e 1 comodo nos fundos. OCASIÃO.
Oferta: Ribeiro.

PARQUE DO COLÉGIO — mansão nova, com abrigo p/ 2 carros, living c/ lareira, sala de jantar, lavabo, 3 dorm. sendo 1 tipo suite, c/ arm. e mais 1 bath., cop-coz., área de serviço, depend. p/ emp aquecedor central, etc.. Pode ser financiada. Oferta Ribeiro.

ANHANGABAU: — Área de terreno medindo 14x30, igual a 700 m², excelente local para prédio de apartamentos. Preço e condições nesta imobiliária.
Oferta: Recreio Lar.

VILA LIBERDADE — nova living, cop-coz, bath, 2 dorm. área de serviço, depend p/ empreg., abrigo, etc.. 450 mil. Pode ser financiada. Oferta Ribeiro.

JARDIM BRASIL — com living amplo, cop-coz., c/ arm. sendo 1 com suite e closed, e mais 1 bath., área de serviço, depend. p/ empreg., abrigo p/ 2 carros e quintal. Pode ser financiada. Oferta Ribeiro.

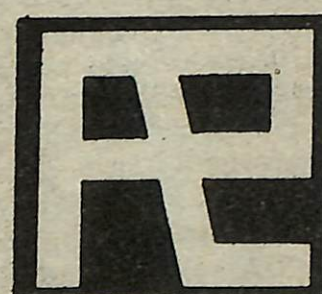
SÍTIOS E CHACARAS

BAIRRO ENGORDADOURO - 36.000 m² (em frente ao Clube Jundiaense) com 3 casas simples, lago (15 x 80) pomar, etc... lugar pitoresco. OCASIÃO. Oferta Ribeiro.

RIO ACIMA — Dias, com áreas de 40.000 e 84.000 m² A 1. só c/ mata e água corrente, a 2a. com mata, 2 corregos, casa simples, pomar e uvas. Lugar pitoresco e recreativo. Distância de Jundiaí 3 km. OCASIÃO. Oferta Ribeiro.

CHACARA DE RECREIO OU MORADIA — Área de 7.000 m², casa sede com 4 dormitórios sendo um tipo apartamento, sala, cozinha, banheiro e outro apartamento ao lado, toda cercada e formada com árvores frutíferas, gramado e lindos bosques com mesa para churrasco, lago com peixes, 5 nascentes toda iluminada com instalações embutidas, telefone urbano. Preço: — Cr\$ 1.200.000,00 com 50% de entrada e o saldo a combinar.
Oferta: Recreio Lar.

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI



Recreio Lar
Imóveis e Administração
Av. Jundiaí, 667
Fones 6.4108 - 6.5888

RIBEIRO IMÓVEIS
administração

e vendas

rua mal. deodoro da
fonseca, 479
tel. 6-6388

JUNDIAÍ CLÍNICAS



Locais de atendimento
UNIDADE CENTRO

Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE VILA ARENS

Rua Frei Caneca, 162
Fones: 6-3260 e 6-8248

UNIDADE PRUDENTE

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA

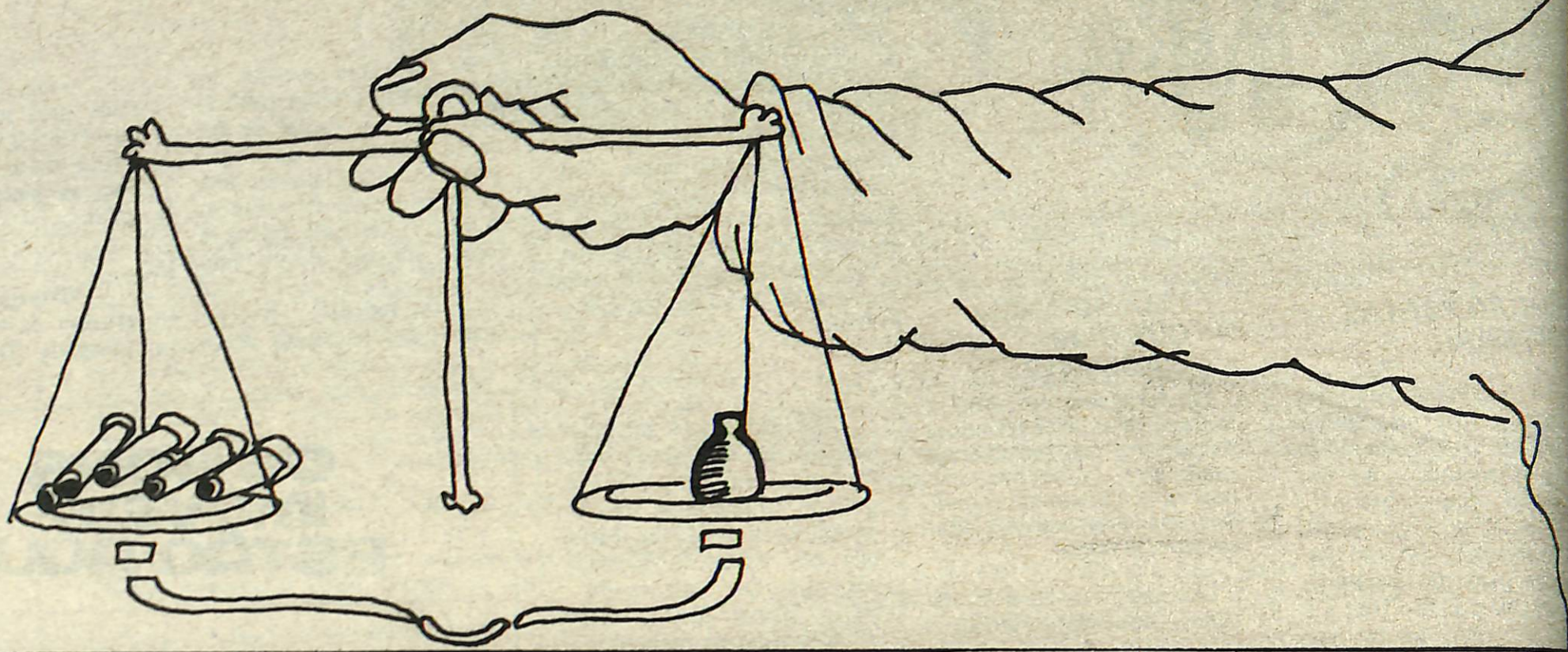
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE CAMPO LIMPO

Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL SANTA RITA DE CÁSSIA

Praça Rotatória, s/n — J. Messina
Fone: 4-1666



Justiça derruba concorrência do DAE

Tendo sido o *Jornal de 2.a* interpelado judicialmente pelos srs. Paulo Roberto Leopardi, José Eugênio Vieira, José Roberto Pardini e Gustavo Leopoldo Maryssael de Campos, todos maiores e residentes nesta cidade, que se declararam ofendidos em sua honra, caluniados, injuriados e difamados, em artigo de nossa autoria sob o título "Justiça derruba concorrência do DAE", nesta seção, a 23 pf., cumpre ao sinatário de espontâneo, esclarecer a quantos presente virem ou dele conhecimento tiverem, o seguinte — partindo da premissa de que o jornal é o porta voz do povo e ao jornalista compete implicitamente a obrigação de examinar, criticar e comentar tudo o quanto respeite o ato público que envolva o interesse comunitário.

Sem desdouro e íntegros na nossa hombridade, não obstante, devemos dizer e reparar se for o caso, por dever de ofício, que o artigo citado pelos interpelantes não envolve ofensas à sua honra ou a de quem quer que seja. Também não difama, nem injuria, nem calunia. Trata, simplesmente, da Concorrência 4/75, aberta através do Edital de 21/2, do Departamento de Água e Esgotos de Jundiá.

Data vênua, vai a seguir, reproduzido o texto que deu origem à interpretação deformada dos interpelantes, segundo o instrumento interplatório:

"... Está em consequência derrubada para todos efeitos a concorrência fajuta do DAE, onde a camarilha situacionista buscou em mais uma de suas audaciosas acometidas lesar o município em favor dos interesses particulares".

Analisemos o texto como justificativa dos nossos propósitos, com os termos citados como agravantes: "fajuto", "camarilha". 1.o — Fajuto é um termo da gíria e vale dizer a coisa falsa, ilegítima e grosseira. 2.o — Camarilha, segundo os léxicos, são "pessoas que cercam o chefe de Estado ou de serviço, influenciando-lhes indiretamente nas decisões".

Vê-se, com meridiana clareza, que nenhum dos adjetivos enquadraram os interpelantes e muito menos

fere-lhes a honra, injuriam, caluniam ou difamam. Ainda que o quisesse, o interpelado não tem razões para tanto. Não conhece os interpelantes nem com eles jamais manteve qualquer contato inamistoso. Fica, pois, sobejamente esclarecido que os dizeres do artigo em questão não atinge, quer em conjunto, quer individualmente a qualquer dos interpelantes na qualidade de "integrantes da diretoria do DAE como elementos que compuseram a Comissão Julgadora da Concorrência 4/75."

Apreciemos, agora, a nota do *Jornal de 2.a*, com respeito à pessoa jurídica, ou seja ao DAE propriamente dito:

Quatro firmas "tecnicamente habilitadas para executar o serviço e iguais sob o aspecto de idoneidade financeira" (é a Justiça que o afirma), atenderam ao chamamento do Edital 21/2/75.

1 — "Sortino" S.A. — Cr\$ 1.841.733,00; 2 — Construções Civas e Sanitárias — Cr\$ 1.377.159,00; Tecimo Construções Engenharia Ltda. — Cr\$..... 1.042.215,00; 4 — Sanesul Construtora Saneamento do Sul — Cr\$ Cr\$ 773.220,00.

Apura-se, pois, que a firma vencedora deveria ser a Sanesul. Entretanto, foi esta preterida em favor da Tecimo, registrando-se assim uma diferença de Cr\$ 228.995,00 contra o município.

Na nossa nota não acusamos ninguém em particular como responsável pelo ato. Só dissemos, e o reafirmamos, que ele lesava o município em favor dos de interesses particulares.

A capa não é de nossa autoria e os desenhos ali estampados são, segundo o autor, para ilustrar matéria da página central.

Terminamos, pois, estas linhas reafirmando mais uma vez, em abono da verdade, que a pessoa física dos interpelantes não foi alvo da nossa objurgatória e sim o ato que a Justiça houve por bem anular. C.V.